

“KAHUNA HEALING”

CURA KAHUNA

SAÚDE HOLÍSTICA &
PRÁTICAS DE CURA DA POLINÉSIA

SERGE KAHILI KING

Tradução não-oficial de: Mercedes Lorenzo

INTRODUÇÃO

Desde o tempo das primeiras explorações européias no Oceano Pacífico, o mundo ocidental tem construído uma imagem romântica dos Mares do Sul baseada no conceito de uma simples, despreocupada, primitiva sociedade. Tem sido o sonho de muitos homens atirar a sobrecarga do emprego e da família e correr para uma ilha tropical onde tudo o que você tem a fazer é deitar numa rede e bebericar um ponche de frutas enquanto os inocentes nativos tomam conta de qualquer necessidade sua. Uma outra atitude ocidental, menos romântica, é que antes das bênçãos da civilização serem trazidas a eles, o povo das ilhas eram selvagens ignorantes governados por medo supersticioso e sensualidade indisciplinada. Junto com esta atitude estava a idéia de que esse povo não tinha pensamento filosófico a ser dito, não desenvolvia conceitos abstratos, nenhuma arte além da decorativa, nem livros de nenhum tipo, e certamente nenhuma ciência ou tecnologia digna de ser mencionada.

A verdade do assunto, estabelecida por pesquisa científica em muitos campos, é que as sociedades da Polinésia eram cada uma tão complexa quanto as nossas: sua moral, ética e códigos legais tão restritos; sua filosofia tão desenvolvida; sua arte e literatura tão ricas; e sua ciência tão hábil quanto as nossas. De qualquer modo, a direção na qual eles desenvolveram esses aspectos foi única. Como os modernos psicólogos sociais assinalam, se nós tentarmos julgar as realizações de outras culturas usando a nossa como o padrão, nos arriscamos a distorcer o julgamento e limitar severamente qualquer benefício que possa derivar do contanto com a cultura que estamos julgando. E a cultura da Polinésia tem aspectos que podem nos beneficiar em todas as áreas da vida.

O POVO DA POLINÉSIA

Polinésia é um termo aplicado igualmente a uma área geográfica e ao povo que divide uma história comum, uma língua comum, e origens culturais e físicas. A área é usualmente definida com um triângulo abrangendo da Nova Zelândia no sudoeste do Pacífico, para o Hawaii ao norte, e descendo à Ilha de Páscoa no sudeste. Esta é uma área imensa, tão ampla quanto o continente da América do Sul, e dotada de ilhas vulcânicas e de coral que muitas vezes estão afastadas por duas mil milhas. O que é extraordinário é que esta área toda foi explorada, habitada e teve comércio regular entre as ilhas por centenas e possivelmente milhares de anos antes de Colombo fazer sua viagem através do Atlântico.

As pessoas dessa área, os Polinésios, compreendem os Maori, Samoanos, Tongas, Tahitianos, Marquesãos, Havaianos, Pascoenses e outros, nomeados na maior parte nos tempos atuais depois de terem sido localizados. Apesar desses grupos estarem separados por vastas distâncias, e em alguns casos terem ficado fora de contato com os outros por séculos, há menos diferenças culturais entre eles do que entre vizinhos como a França e a Alemanha. Um nariz fino Maori e um nariz grosso Havaiano talvez não pareçam irmãos, e seu modelo ambiental de vida talvez varie consideravelmente, mas eles dividem a mesma língua básica, heróis culturais, lendas e conhecimento interior. E eles aceitam uns aos outros como vindos de uma mesma descendência, como Peter Buck, viajante do Maori, encontrou quando viajava para outras ilhas que não tinham sido contactadas por um Polinésio “de fora”, como memória viva.

Uma questão que permanece incerta entre os antropólogos é a terra natal dos Polinésios, junto com a questão de qual rota foi feita até o seu presente lar. A teoria moderna preferida é que eles vieram da Indonésia, ou possivelmente da Índia, e passaram através do grupo de ilhas do Pacífico ocidental, Micronésia ou Melanésia, no seu caminho. Isto é baseado em parte em algumas similaridades linguísticas menores, a suposta origem de muitas plantas usadas pelos Polinésios, um pouco de semelhanças tecnológicas, e a noção de que, visto que eles tiveram de vir de algum lugar, a Ásia seria o lugar mais provável.

Max Freedom Long e outros têm proposto que a terra natal dos Polinésios foi o Oriente Próximo. Long baseia sua idéia numa história não verificada de um Inglês que viveu com uma tribo Bérbere no Saara. Esta tribo afirmava Ter sido parte de um grupo que havia construído as pirâmides do Egito; eles haviam se separado do resto do grupo que veio para o Pacífico procurar uma nova terra. De qualquer forma, eu passei uns quatro anos e meio, indo e vindo, com os Bérberes, e eu não consegui verificar semelhante tradição. Mais importante, Long impressionantemente usou estudos linguísticos para mostrar que o conhecimento kahuna estava incorporado em partes do Velho e Novo Testamento da Bíblia. Ele até chegou a ir longe traçando uma rota para o Pacífico – destinando o grupo abaixo do Mar Vermelho, ao longo da costa da África para Madagascar (cuja língua, Malagasy, tem afinidades com o polinésio), através do oceano para a Índia, e daí atravessando a Indonésia para o Pacífico, usando similaridades filosóficas como seu principal argumento. Já uma outra terra natal Polinésia tem sido proposta por Thor Heyerdahl designada Kon Tiki, que tenta provar de um modo prático que os Polinésios podem Ter vindo da América do Sul.

Como visto no Prólogo (*fora desta tradução*), meu mentor Kahuna, WK, tem uma versão consideravelmente diferente, com o suporte em grande medida de pesquisadores como James Churchward, autor de um número de livros sobre o continente de Mu, e Leinani Melville, autor de *Children of the Rainbow* (Crianças do Arco Íris). Ele afirma que a Polinésia teve a origem das similaridades culturais em outro lugar e não como receptor final. É claro que podem haver muitas dúvidas sobre esta versão como qualquer outra, mas ela tem a virtude de ser uma versão Polinésia e responder muitas questões. Ela explica, por exemplo, porque a extrema habilidade dos navegadores Polinésios nunca colonizou nenhuma área fora do anteriormente mencionado triângulo, como o conhecimento kahuna pode Ter viajado através do mundo sem ser acompanhado pelos Polinésios, e como grupos semelhantes como os Maori e Nova Zelandeses podem Ter salmos de navegação antigos que dão as direções de navegação para o Hawaii. Ela também explica porque grupos como os Maori, Havaianos e Pascoenses falam em suas lendas de pessoas que estavam vivendo nas ilhas quando eles chegaram lá. Em havaiano, esse povo é chamado de Mu, e há muitas narrativas de conflito e cooperação entre eles. Na ilha de Kauai no círculo havaiano, eu tenho visto fundações de templos e trabalhos de pedra que se parecem com os estilos de construção pré-Inca mais do que qualquer coisa construída mais recentemente pelos povoadores Polinésios. Estas são supostamente construções do povo de Mu, também conhecido como Menehune.

O SISTEMA KAPU

A questão da origem talvez nunca seja respondida satisfatoriamente por ninguém, mas é um fato que os Polinésios estavam lá quando os Europeus chegaram à Polinésia. Entre outras coisas, os primeiros exploradores ocidentais encontraram um grupo poderoso de pessoas chamadas kahunas, que eram líderes religiosos, mestres em arte e artesanato, doutores, juristas, professores e conselheiros políticos da sociedade. Eles e os chefes de família conduziam o povo no que seria chamado de sistema Kapu, apesar de que muitos ocidentais estavam mais familiarizados com a forma de falar Tonga – Tabu ou Taboo.

O sistema Kapu tem sido muito mal falado porque tem sido muito pouco entendido. A palavra Kapu usualmente tem sido traduzida por “proibido” e tem sido associada com advertências a respeito de coisas fora do escopo da razão. Uma tradução completa da palavra, de qualquer modo, pode também incluir os significados de “sagrado, santo, ou consagrado”. O sistema Kapu foi realmente um código de leis, como as que são necessárias para qualquer sociedade funcionar facilmente. Um determinado bosque de árvores ou um lugar especial de pesca podiam ser declarados Kapu por uma ou mais temporadas para mantê-los em condições de continuar sendo explorados, por exemplo. Isto não é diferente de nossos regulamentos atuais sobre estações de caça e pesca, mas semelhante previsão ambiental era totalmente desconhecida para os primeiros visitantes europeus na Polinésia, que não entendiam porque uma árvore ou lugar era Kapu e outra não. Certas partes de um templo ou lotes de terra também podiam ser declarados Kapu porque eles eram reservados para uso sacerdotal ou dos chefes. O caminho para um lugar poderia ser marcado por um par de varetas cruzadas com uma bola de tecido branco no topo, e os nativos se recusavam a transpassar semelhantes marcas, porque a quebra das leis do Kapu era severamente punida. Já os mesmos europeus que poderiam hesitar grandemente antes de violar um tratado real ou governamental de “mantenha distância” ou “não ultrapasse” no seu próprio país, muitas vezes pensam que os nativos da ilha estão meramente agindo por superstição.

Os kapus mais difíceis de entender para os estrangeiros eram, é claro, aqueles que repartiam seus costumes

sociais. Em algumas partes da Polinésia havia uma punição Kapu com a morte contra quem permitisse que a sombra de um plebeu se sobrepusesse à de um chefe. Isto pareceu um tipo grosseiro de superstição no início, mas os estrangeiros provavelmente não sabiam que a palavra “sombra” também tinha o significado de “risada”, e que o evento acima podia ser interpretado como um ato de sublevação ou “lesa majestade”. Um outro Kapu proibia mulheres de comer bananas, porque a palavra para banana é similar à palavra para genitais e o ato poderia ser tão ofensivo quanto usar palavras sexuais em público como tradicionalmente acontece nos USA.

O Kapu, então, formou a base para o sistema legal Polinésio. No seu melhor ele reforçava a coesão e produtividade da sociedade; mas o sistema podia ser, como muitas vezes era, usado por ávidos chefes e sacerdotes para exploração política e econômica. Rebeliões sociais e emigrações não eram incomuns, inspiradas por excessivas restrições Kapus impostas no povo por seus líderes. Kamehameha, o Grande, para manter sob controle seu império havaiano, explorou irracionalmente alguns Kapus de certos sacerdotes kahuna, e a má interpretação psíquica de um líder kahuna oportunista foi uma das razões porque todo o sistema Kapu no Hawaii caiu facilmente no tempo do filho de Kamehameha.

OS KAHUNAS DO HAWAII

Visto que eu tenho mais experiência com os kahunas havaianos do que com os tahunas tahitianos ou tohungas maorianos, os parágrafos seguintes serão divididos com o sistema havaiano, baseado em registro histórico e discussões com WK.

Quando o Capitão James Cook ancorou fora da costa protegida de Kauai em 19 de janeiro de 1778, ele quebrou seiscentos anos de isolamento das ilhas havaianas para o resto do mundo. Contrariamente à crença popular, no entanto, Cook e seus seguidores não entraram numa simples ilha paradisíaca. A beleza das ilhas vulcânicas era de tirar o fôlego, e quando os habitantes era amigáveis, eles realmente o eram. Mas os havaianos não eram nem inocentes incorruptíveis e nem selvagens ignorantes. Sua sociedade estava estruturada como um sistema feudal asfixiante, e Cook chegou em meio a violentos tumultos sociais e políticos. Depois do primeiro breve choque do contato, os europeus e sua tecnologia superior foram rapidamente explorados para propósitos políticos pelos pragmáticos líderes havaianos, incluindo os kahunas.

Nos livros de história muito tem sido contado sobre como o Capitão Cook era tido como o deus Lono retornando às ilhas. De acordo com o historiador havaiano Kamakau, o povo do Kauai ficou impressionado e assustado com o aspecto sem precedentes dos navios britânicos chegando na praia. O povo não tinha idéia de quem estava nos navios. Foi um kahuna, Kuohu, que decidiu que os navios tinham que ser templos e altares de Lono, porque os mastros e velas lembravam as traves e bandeiras usadas numa cerimônia anual dedicada a esse deus. Cook e seus homens ficaram em terra firme por uma curta visita e então partiram para a costa da América. O assunto se espalhou rapidamente através das ilhas, e a tempo de Cook retornar na parada da Baía Kealakekua na grande ilha do Hawaii, a cena estava montada para uma extraordinariamente astuta manobra política, que poderia Ter sido bem sucedida se Cook não tivesse permanecido tanto tempo.

A Segunda vinda de Cook aconteceu de ser num local situado em uma área sagrada de Lono e direcionado para o fim do festival anual dedicado a ele. Não há registros sobre o que eu vou sugerir e WK diz que ele não conhecia a tradição, mas a coincidência de quando e como Cook aportou a segunda vez é tão grande que eu suspeito que os kahunas tiveram uma mão nisso. Como nós veremos depois, eles indubitavelmente tinham a capacidade de clarividência, sabendo onde Cook estava e mandando mensagens telepáticas para guiá-lo direto à baía onde centenas de pessoas estavam reunidas para o festival de Lono. Cook observou em seu diário que nunca tinha visto semelhante ajuntamento de pessoas em todas as ilhas. Visto que o rei da ilha do Hawaii estava em processo de consolidar seu poder sobre o povo como parte de seu esforço de guerra contra Maui, é provável que tenha sido sugerido por seus conselheiros kahunas que Cook fosse aclamado como o deus Lono trazendo à terra seu próprio mana (poder divino) para o lado que obviamente era o certo. Os chefes e os kahunas não eram tolos. Eles podiam reconhecer uma tecnologia superior, embora estranha; eles conheciam um homem quando viam um; e eles também sabiam como tirar vantagem de uma oportunidade. Infelizmente, a longa estadia de Cook tornou difícil manter a pretensa aparência de que ele era um deus. Quando finalmente ele partiu depois de algumas semanas, eles mostraram indisfarçável alívio. Infelizmente, Cook teve que retornar depois de somente uma semana para reparar um mastro quebrado. Nessa época o festival tinha terminado, as pessoas estavam dispersas, e a recepção de Cook foi decididamente fria. As relações entre havaianos e europeus rapidamente se

deterioraram nas duas semanas seguintes, até que Cook tentou pegar o mais alto sacerdote do rei como refém por um roubo relativamente menor feito por um dos homens do rei. Uma batalha seguiu-se na praia e Cook foi morto. O ponto é que a designação de Cook como deus Lono não foi mais do que uma farsa política inspirada tentando trazer favores ao regime do rei Kalaniopuu. Os chefes e kahunas sabiam bem, mas naquele estágio da história havaiana a “religião estatizada” era a única ferramenta política destinada a incrementar o poder dos chefes e certos sacerdotes, e para explorar as massas.

E mais e mais europeus começaram a visitar as ilhas, e eles ouviam narrativas sobre poderes estranhos exercidos por certas pessoas conhecidas como kahunas. Histórias de telepatia, clarividência, cura pelo toque, matar à distância, e andar sobre lava quente, eram misturadas com observações de cerimônias exóticas e cânticos, a prática de massagem e medicina herbal, e aparente culto de ídolos grotescos. Era fácil rotular essas estórias como pura superstição até que se estivesse diretamente envolvido numa experiência pessoal. Então, para o pensamento pessoal, era claro que algo estranho indubitavelmente estava por trás da fachada religiosa. Não há dúvida que alguns kahunas, no mínimo, eram hábeis para fazer coisas que ficavam fora do escopo das leis da física. Quanto mais se vive nas ilhas, mais cresce a aceitação desse fato.

De qualquer forma, por quatro fatores principais, não é fácil descobrir o que realmente acontece. Primeiro está a relutância natural dos ocidentais treinados cientificamente para aceitar semelhantes habilidades como possíveis. Para fazê-lo seria preciso mergulhar na Idade das Trevas da magia e superstição que o mundo ocidental tem se esforçado para apagar. Em segundo está a tendência natural da orientação cristã dos visitantes para responsabilizar tudo como sendo trabalho do Diabo, pois como poderiam os pagãos ignorantes Ter semelhantes poderes?

Em terceiro, está o fato de que, no tempo da chegada dos primeiros europeus, o objetivo final das práticas kahunas estava se corrompendo rapidamente, e muito do conhecimento anterior havia sido perdido. Enquanto um pequeno grupo guardava a antiga tecnologia virtualmente intacta, a maioria dos kahunas – especialmente aqueles envolvidos em política – havia degenerado para um mero cerimonial sacerdotal, com muito poucos membros que conheciam os rudimentos de algumas coisas como telepatia e clarividência. Isto é sagazmente trazido à tona na história de Hewahewa, alto sacerdote de Kamehameha II. Em 1819, logo após a morte de Kamehameha I, este proeminente kahuna a cargo de dar uma boa imagem de guerra ao rei, teve uma visão na qual via as representações do que parecia ser um poder divino muito grande aportando nas praias do Hawaii. Sem dúvida influenciado pelo seu conhecimento da tecnologia superior européia e narrativas do Cristianismo, Hewahewa esperava ganhar suporte dos camaradas kahunas, chefes ambiciosos e esposas reais insatisfeitas por nada menos do que a abolição do sistema Kapu e queda dos tempos dourados. Desse modo ele esperava insinuar-se com os representantes do novo deus e ao mesmo tempo reduzir o poder de quaisquer rivais kahunas. Kamehameha II, diferentemente de seu pai, era um homem fraco, e em novembro de 1819 ele deu uma deixa para Hewahewa e seus seguidores. Com o aparentemente simples ato de sentar-se para comer com as mulheres, Kamehameha II quebrou um sério Kapu e marcou um precedente para os chefes e plebeus também. O assunto foi espalhado através da nova união de ilhas sobre as proibições às pessoas, longamente oprimidas por anteriores kapus severos, e dando vazão aos seus sentimentos para queimar e desabar templos e estátuas. Um kahuna rival de Hewahewa tentou prevenir isto, mas ele e aqueles que lhe davam suporte foram violentamente espancados na batalha. Por seis meses, então, o Hawaii foi uma terra sem religião e sem leis. Foi um tempo de grande confusão, porque sem os kapus e sem os deuses não havia firmeza nas guias de conduta e nem segurança psicológica.

Finalmente, em 1820, os primeiros missionários Cristãos de Bostom aportaram onde Hewahewa disse que eles o fariam. Ele e seus seguidores tinham nas mãos muitas pessoas doentes e aleijadas que haviam enviado para a cura do novo deus. Eles cantaram canções de boas vindas e perguntaram aos missionários sobre o poder de seu novo deus para curar a doença. É claro, os missionários não podiam fazer semelhante coisa, e depois de uma grande quantidade de confusão em ambos os lados, Hewahewa foi forçado a entender que tinha errado ao interpretar sua visão e havia destruído totalmente a religião formal e a estrutura legal de sua nação para nada. Ele é conhecido nos livros de história como Hewahewa, mas este pode não Ter sido seu nome real. Os havaianos sempre têm tido muito cuidado ao usar nomes pessoais baseados no seu significado. Parece óbvio que o alto sacerdote desafortunado tenha pego o nome de Hewahewa depois de cometer seu erro terrível, porque ele significa “o louco que falhou ao reconhecer algo”.

O quarto fator que interferiu com um pronto entendimento do conhecimento kahuna foi a declaração de ilegalidade de todas as práticas kahunas pelos missionários Cristãos, convertidos em políticos tão logo tiveram

poder para isso. De acordo com Max Long, que viveu nas ilhas na época em que esta lei era efetiva, a lei do Hawaii concernente ao uso de magia para curar era redigida como a seguir:

“Seção 1034. Feitiçaria-Penalidade. Qualquer pessoa que tentar a cura de outra pela prática da feitiçaria, bruxaria, anaana, hoopiopio, hoounauna, ou hoomanamana (termos descrevendo práticas psíquicas), ou outras superstições ou métodos enganadores, irão, em convicção disso, ser multadas em uma soma não menor do que uma centena de dólares ou presas não excedendo seis meses de trabalhos forçados”.

Há uma outra seção da lei que fala de classes de kahunas com homens embusteiros e definidos como em posição de kahunas, obtendo dinheiro sob o pretexto de Ter poderes mágicos, ou admitindo que é kahuna. Para isto a multa ia a milhares de dólares e um ano de prisão.

Inútil dizer, isto foi suficiente para dirigir toda a verdade dos kahunas ao encobrimento e tornar extremamente difícil a um não havaiano ganhar qualquer acesso ao conhecimento kahuna. Em contradição à lei, no entanto, ambos havaianos e não havaianos sem preconceitos continuaram pedindo e recebendo ajuda dos kahunas cuja identidade era bem protegida, e pseudo-kahunas eram frequentemente expostos para cerimônias cívicas e turistas. Somente recentemente a lei tem sido modificada, enquanto ela ainda providencia salvaguardas contra fraude, pois não vai longe o tempo de um crime ser feito ou ser declarado como feito por um kahuna.

A auto-destruição de suas próprias tradições religiosas e o poderoso impacto do Cristianismo e a tecnologia ocidental causaram em muitos havaianos a rejeição da influência e ensinamentos kahuna. O conhecimento kahuna era tradicionalmente passado numa cuidadosa seleção natural ou crianças adotadas, mas os fatores mencionados acima, juntamente com casamentos inter-raciais e a dizimação da população através de doenças intrusas, deixou um número muito pequeno desejando ou habilitado a seguir os passos de seus antepassados.

E no entanto, entre todas as dificuldades, lá permaneceu um núcleo de kahunas ativos que continuou prosseguindo com as práticas de cura mental, emocional e física; ajudando indivíduos a mudar o futuro; e até temendo enormemente a “oração da morte”. Nada menos que um personagem, então curador do Museu Bishop em Hononulu, William Tufts Brigham, se engajou por anos tentando descobrir o segredo do que ele conhecia como práticas kahuna válidas. Ele teve experiências pessoais com o caminhar no fogo, cura e a telepática oração da morte, e estava convencido sem dúvidas de que alguns conhecimentos altamente importantes para a humanidade estavam esperando para serem revelados. Ele nunca teve sucesso nessa busca, mas antes de morrer ele deixou para Max Long um legado do que havia aprendido, o qual pode ser somado com o seguinte:

“Eu tenho sido capaz de provar que nenhuma das explicações populares da mágica kahuna irão “segurar água”. Isto não é sugestão, nem qualquer coisa conhecida da psicologia. Eles usam algo que nós ainda temos que descobrir, e isso é algo inestimavelmente importante. Nós simplesmente temos que encontrar. Isso revolucionará o mundo se nós pudermos encontrá-lo. Isso mudará inteiramente o conceito de ciência. Isso poderia trazer ordem aos conflitos de crenças religiosas...”

Sempre olhar para três coisas no estudo desta magia. Deve haver alguma forma de consciência por trás, e dirigindo, o processo de magia. Controlando o calor no caminhar sobre o fogo, por exemplo. Deve haver também alguma forma de força usada no exercício deste controle, se nós pudermos reconhecer isto. E por último, deve haver alguma forma de substância, visível ou invisível, através da qual a força pode agir. Olhe sempre para isso, e se você puder encontrar qualquer uma, isso talvez leve às outras”.

Long continuou as pesquisas nessa linha e, embora nunca tenha estudado com um kahuna, durante um período de muitos anos ele descobriu os três elementos citados por Brigham, conduzindo experimentos para provar sua existência, encontrando correlações com as descobertas de outras pessoas, e descobrindo além disso que o sistema kahuna de conhecimento não era limitado à Polinésia, mas estava espalhado pelo mundo. Isso foi um feito notável e fez os principais elementos desse conhecimento acessíveis ao público pela primeira vez.

O tipo de coisas que os kahunas faziam com regularidade agora têm se tornado objeto de divulgação e interesse científico e popular. Há laboratórios estudando a comunicação mente-a-mente, o fenômeno de estados alterados de consciência, e a influência da psicocinese na matéria, enquanto mais e mais médicos corajosos e psicoterapeutas estão experimentando métodos de cura não usuais como imaginação guiada, acupuntura e transferência de energia de uma pessoa a outra. À parte da resistência conservadora em tudo isto, as investigações são dificultadas pela falta de uma teoria coerente ou unificada para explicar como semelhantes práticas funcionam. O sistema kahuna providencia ambos: práticas que funcionam e uma boa teoria de funcionamento.

AS ORDENS KAHUNA

Kahuna é uma palavra que tem sofrido distorção nos tempos atuais. Originalmente entendida referindo-se a adeptos treinados, um cuidadoso transmissor de conhecimentos e poder, ela tem sido aplicada mais recentemente para sacerdotes e ministros de religiões ocidentais, psíquicos, curadores e também líderes de clubes de surf. Apesar de que semelhante uso talvez seja mal entendido por essas pessoas, pois talvez sejam experts no que elas conhecem, WK insiste que um verdadeiro kahuna é o que tenha sido iniciado por um pai adotivo ou natural e treinado num corpo organizado de conhecimentos esotéricos, como parte de um grupo identificável. O uso da palavra para designar “sacerdote, ministro ou líder” é uma moderna extensão do significado baseado no mal entendimento. O mesmo é verdade para sua aplicação para psíquicos naturais e curadores que talvez sim ou talvez não tenham recebido conhecimentos de seus ancestrais. Os havaianos têm muitos nomes diferentes para aqueles que utilizam habilidades psíquicas. Alguns desses nomes são:

- Kaula: profeta ou mágico
- Ho’ola: curador
- Ho’okalakupua: mágico ou adepto
- Po’ko’i: bruxo, feiticeiro
- Mo’okiko: bruxo ou feiticeiro do mal
- Kilo’uhane: espiritualista
- Ho’ike papalua: psíquico

Os termos acima são aplicados para aqueles que exercem poderes semelhantes sem ser um kahuna. Este último pode fazer as mesmas coisas, mas como um expert treinado pertencendo a uma ordem tradicional. Em alguns casos pode ser chamado de um kahuna kaula, kahuna ho’ola, etc. Além disso, vários tipos de kahunas são treinados por experts em coisas que nós não consideramos esotéricas de todo hoje em dia, como navegação, medicina, engenharia e meteorologia. Os kahunas são os cientistas e experts técnicos de seu tempo, mas seu conhecimento se estendia nas esferas com as quais nós estamos começando a tatear no mundo ocidental, numa larga escala. Por exemplo, um navegador pode não somente ser tecnicamente experiente, mas ele poderia ser treinado a se comunicar com o vento e as ondas também.

Originalmente, não há estrutura hierárquica entre os kahunas, e este ainda é o caso de duas das ordens que serão descritas a seguir. Atualmente, as ordens estão e são mais como corporações medievais do que ordens religiosas na tradição Cristã ocidental. Um kahuna adquire proeminência, não promoção, herança ou até eleição, mas através do respeito por suas habilidades e conhecimentos. A “posição” mais alta que um kahuna pode aspirar é puhi okaoka, o qual se refere a alguém bem versado em todos os ramos do conhecimento. Visto que os kahunas não têm autoridade estruturada uns sobre os outros, eles são perseguidos por causa do que podem fazer e do que conhecem.

Em algum ponto da história os kahunas se dividiram em três ordens genericamente definidas, como explicado por WK. Cada uma delas enfatizou uma abordagem particular do conhecimento e práticas, mas a diferença tem menos a ver com a função do que com a técnica. Todas as três fazem uso de elementos de magia descobertos por Max Long, e suas áreas de especialidade se sobrepõem consideravelmente. Com isso em mente, vamos ver objetivamente cada ordem:

A ORDEM DE KU

Esta ordem era chamada “os Emocionais” por WK e ela enfatiza a abordagem sensual/emocional da vida. Em termos de cura, os kahunas desta ordem são mais propensos a usar exercícios, massagens e imposição de mãos como métodos de tratamento. Como psicoterapia, estes técnicos tendiam na direção da expressão das emoções reprimidas e da descoberta de eventos passados que deixaram problemas no presente. Concernente ao ambiente, a abordagem é principalmente a da tentativa direta de controlar os eventos e circunstâncias através do uso da força de vontade e influenciando as emoções das outras pessoas. Esporte, política, comércio e guerra, bem como religião cerimonial e organizada, têm sido os interesses naturais dos kahunas desta ordem. Esta é a ordem que veio dominar o Hawaíi depois da chegada do poderoso kahuna Paa de Samoa em aproximadamente

1275 ^ad. Ele instituiu uma hierarquia rígida na ordem de Ku e introduziu o sacrifício humano, uma prática que decididamente não era parte da tradição kahuna. Depois da chegada de Pao e de sua instalação, todo o tráfego entre o Hawaii e o outro lado do mundo cessou até a chegada do Capitão Cook.

A ORDEM DE LONO

A abordagem desta ordem, “os Intelectuais” para WK, é intelectual/mecânica. No Hawaii ela produziu médicos herbais e cirurgiões, agricultores, navegadores, astrônomos e astrólogos, meteorologistas, e construtores navais que orientaram a construção de grandes canoas oceânicas. Na cura e psicoterapia, esses kahunas enfatizavam o uso de ervas e drogas, dieta, e recursos naturais de energia de cura como a luz do sol, sal marinho, cristais e lugares especiais descobertos através do uso da geomancia (uma forma de uso divinatório das supostas correntes de energia na terra). Eles viam o ambiente com algo a ser manipulado e entedida a mecânica de sua operação. No Hawaii, esta ordem sofreu mais sob a dominação da ordem de Ku, e no tempo da chegada dos europeus, muitas de suas artes tinham se perdido.

A ORDEM DE KANE

Estes “Intuicionais” têm uma abordagem que é espiritual/integrativa. As técnicas usadas pelas outras duas ordens são consideradas como ferramentas temporárias a ser aplicadas até se alcançar o entendimento básico de que o mundo visível é meramente um reflexo do pensamento. A ênfase é na unificação ou integração do espírito, mente e corpo para o propósito da auto-maestria (ou auto-domínio), com a implicação de que a auto-maestria é a chave da maestria da vida. Na cura, de primeira importância são os efeitos dos pensamentos sobre o corpo, e crenças alimentadas no presente são vistas como mais influentes do que experiências passadas. O ambiente é visto como uma extensão do corpo, igualmente influenciado por pensamentos e crenças. A imaginação é a ferramenta mais importante desta ordem, e muito do treinamento é concernente aos seu uso disciplinado. Estes kahunas trabalhavam com estados alterados de consciência e o uso refinado de habilidades psíquicas mais do que os das outras ordens. Eles podem ser considerados como filósofos pragmáticos, e em números eles têm sido sempre menores do que os kahunas de Ku e Lono. Eles sofreram pouco no Hawaii sob a dominação de Ku, porque eles meramente foram para o “subterrâneo”. De acordo com WK eles mantiveram contato com o resto do mundo através de telepatia. Esta é a ordem dentro da qual meu pai foi iniciado e na qual eu recebi meu treinamento.

OS RENEGADOS

O fenômeno mais temido no antigo Hawaii era a “oração da morte”, uma forma de telepatia emocional destrutiva muitas vezes combinada com sugestão negativa. Virtualmente todos os kahunas que se ocupavam disto eram renegados da ordem de Ku, apesar de haver bruxos não-kahunas que a praticavam, também. O título mais comum aplicado a eles era kahuna’ai pilau (kahunas comedores de lixo). Também para ganhar poder sobre outros ou simplesmente por pagamento, eles usavam seus conhecimentos de psiquismo, psicologia e energia emocional para injuriar ou matar. Como William Brigham sabia, muito mais do que simples sugestão era usado. A oração da morte podia funcionar se houvesse ou não conhecimento consciente do que estava havendo, mas esta prática requeria considerável habilidade da parte do praticante, e sugestão era usada sempre que possível para facilitar. Felizmente, cada ordem tinha um número de kahunas que eram especialistas em oki ou kala, formas de contra-magia que cortavam a oração da morte e a revertiam em algo inofensivo.

OS KAHUNAS HOJE

WK estima que há provavelmente não mais do que vinte e cinco kahunas genuínos no Hawaii hoje, somente uma meia dúzia deles na ordem de Kane. O resto está dividido entre Ku e Lono. De qualquer modo,

muitos daqueles que chamam a si mesmos de kahunas são meramente indivíduos psíquicos e curadores que dão shows a turistas. Com poucas exceções, os kahunas genuínos têm também fugido completamente da sociedade ou têm se integrado nela, sem que ninguém saiba quem eles são ou o que eles podem fazer. O conhecimento está vivo e operante mas não de modo óbvio. E contrariamente ao que muitos turistas podem pensar, ancestralidade não confere conhecimento kahuna. Mesmo que Leinani Melville tenha escrito que praticamente nenhum havaiano ou meio havaiano tenha algum entendimento do que é Huna, o conhecimento kahuna está todo ao redor. Fora do Hawaii, os kahunas são também raros ou muito escassos. Eu conheci um kahuna Maori que disse que o conhecimento interior está quase perdido para seu povo, e meu professor kahuna na África teve somente três aprendizes durante os últimos sete anos desde que eu o conheci. Minhas tentativas para contactar kahunas que meu pai conhecia na Inglaterra foram infrutíferas.

Tem preocupado alguns havaianos que eu me denomine um kahuna porque eu não tenho uma gota de sangue havaiano em meu corpo, embora haja abundantes precedentes nas lendas e histórias havaianas de não polinésios que se tornaram kahunas. É claro que qualquer um pode afirmar ser um kahuna, mas há muito tempo atrás alguém que eu e WK consideramos um grande kahuna nos disse para usar este teste: “Vocês os conhecerão por seus frutos”.

A TRADIÇÃO INTERIOR

A filosofia kahuna pode ser agrupada em quatro enunciados, cada qual representado por uma única palavra-chave em havaiano:

1) “Você cria sua própria realidade” (Ike) – isto quer dizer sua experiência pessoal da realidade, todas as partes dela. Você a cria através de suas crenças, expectativas, atitudes, desejos, medos, julgamentos, interpretações, sentimentos, intenções e pensamentos consistentes ou persistentes.

2) “Você tem aquilo no qual você se concentra” (Makia) – os pensamentos e sentimentos nos quais você insiste ou permanece, em total consciência ou não, formam o projeto que traz para sua vida a experiência equivalente mais próxima disponível daqueles mesmos pensamentos e sentimentos.

3) “Você é ilimitado” (Kala) – não há fronteiras para sua mente, nem fronteiras entre você e seu corpo, você e seu mundo, ou você e Deus. Qualquer divisão usada para discussão é em termos de função e/ou conveniência, porque separação é somente uma ilusão útil.

4) “Seu momento de poder é agora (Manawa) – você não está limitado por qualquer experiência do passado ou qualquer percepção do futuro, pois o passado é somente uma memória e o futuro é meramente uma possibilidade. Você tem o poder no momento presente de mudar crenças limitantes e conscientemente plantar as sementes de um futuro à sua escolha. Como você pode mudar sua mente, você pode mudar sua experiência.

Estas idéias não são unicamente dos kahunas. De fato, eu me apropriei das frases usadas para traduzir os conceitos Huna de Seth/Jane Roberts, porque elas se ajustaram tão bem, mas as idéias transportadas pelas palavras podem ser encontradas em muitos lugares nos escritos de muitas épocas. De qualquer forma, elas nunca têm sido muito populares porque declaram que, sem exceção, o indivíduo é responsável pela sua experiência pessoal, e isto pode ser visto como subversivo pelos administradores e intolerável pelos profissionais. Curiosamente, o desconforto produzido pela implicação da responsabilidade muitas vezes cega as pessoas para a implicação de tremenda liberdade que a filosofia também contém.

Nas sessões seguintes eu cobrirei outros aspectos da filosofia kahuna que estão conectados com alguns anteriores. Para isso, bem como para todos os capítulos seguintes, eu falarei sobre meu próprio treinamento como um kahuna da Ordem de Kane, uma pesquisa pessoal de campo e literária, e de conversas com WK.

A “BÍBLIA” KAHUNA

Muito da filosofia kahuna está expresso no chamado “Cântico da Criação”, também conhecido com o Kumulipo, que é o equivalente de uma “bíblia” kahuna como algo disponível hoje. Originalmente parte de uma tradição oral que foi passada pelos kahunas treinados na memória perfeita, ela provavelmente foi compilada em sua forma presente em aproximadamente 1700 pelo kahuna Kealumoku. Todas as traduções têm sido feitas (e não há muitas) vêm de um manuscrito que foi de propriedade do rei Kalakaua, que foi muito interessado em preservar as tradições havaianas, incluindo os segredos do Huna e a função dos kahunas como curadores.

Na filosofia kahuna, ambas as palavras espirituais e materiais formam como resultado um intercâmbio entre forças relativas, muitas vezes representas pelo masculino e feminino. Para todo “deus” no panteão havaiano, com poucas exceções, há uma contraparte feminina para ajudar na criação. Muitos deles são nomeados nas primeiras sete seções do Kumulipo, ao longo de versos que contam da formação da vida das plantas e animais na terra. O oitavo e nono capítulos ou seções, aparentemente contam o surgimento do homem dentro da percepção consciente e da sua multiplicação sobre a terra. O resto do total de sessenta seções da versão de Kalakaua mostram muitas genealogias, exceto por uma consideração sobre o herói cultural, Maui.

Um problema que os estudantes têm com o Kumulipo, entretanto, é que eles não conseguem concordar em como foi traduzido. Numa tradição oral com uma língua como o havaiano, muito depende de sutilezas de

pronúncia e contexto que não podem ser adequadamente transmitidos em palavras escritas. Para deixar tudo mais difícil, os kahunas tinham o hábito de incorporar várias camadas de significado nos cânticos, as quais eram feitas para os chefes até em suas canções de amor. Durante uma visita com amigos kahunas no Hawaii, eu soube que o Kumulipo tinha sete camadas de significado, e eu teria a chave de uma camada na qual estava trabalhando. Quando eu perguntei porque eles mesmos não tinham traduzido, disseram que não tinham muita experiência como eu em traduções, isso não era divertido, e que tinham coisas melhores a fazer.

Para dar um exemplo do que está envolvido, aqui está a primeira linha do Kumulipo:

O ke au i kahuli wela ka honua

E aqui estão várias maneiras nas quais tem sido traduzida:

“A roda do tempo gira para as cinzas queimadas do mundo” (Adolf Bastion)

“No tempo que retornar o calor da terra” (Queen Liliuokalani)

“O tempo quando a terra estava se tornando ardente” (Kakahi)

“No tempo quando a terra se tornou quente” (Martha Beckwith)

“No tempo quando esta terra se desenvolveu como uma bola de fogo flamejante” (Ileian Melville)

Sem negar que qualquer das acima citadas possa estar correta, há mais três que eu fiz. A última é parte da tradução na qual eu estou atualmente trabalhando:

“Houve um tempo quando a terra mudou violentamente”

“O ato de semear transformou a terra com paixão”

“O pensamento muda as coisas na terra”

O CONCEITO DE DEUS

A religião popular do Hawaii era recheada com deuses e divindades, fantasmas, fadas, elfos, duendes e espíritos que podiam mudar de forma podendo ser amigáveis ou não para com o homem, dependendo de como eram tratados. No entanto, a visão popular era somente uma distorção do conhecimento kahuna.

Quando os primeiros missionários do Hawaii tentaram entender a linguagem dos ilhéus, ela veio através de conceitos tão estranhos para suas idéias, que certamente as palavras rapidamente ganharam definições injustificáveis. Uma delas foi *akua*, que foi traduzida como *deus*. Quando os missionários perguntavam aos havaianos o nome das grandes estátuas que aparentavam ser objeto de devoção, os nativos lhes diziam que o nome era akua. Quando eles eram questionados sobre para quem ou o quê rezavam pedindo conselho, proteção ou realização, eles diziam akua. Mas os missionários se confundiram quando os havaianos aplicavam a mesma palavra para coisas que não eram vistas como divinas, incluindo a desprezada casta de escravos. Como o missionário Lorrin Andrews escreveu no seu dicionário de havaiano em 1865, “*o termo, na visita dos estrangeiros, era aplicado aos objetos artificiais, de natureza ou propriedade que os havaianos não entendiam, como o movimento do relógio, um compasso, o tic-tac do relógio, etc.*” Baseado no fato de que akua era também o nome da noite ou da lua cheia, Andrews também disse: “*Isso pode ser visto como a antiga idéia de que akua abarca algo incompreensível, poderoso, e já completo*”. Nisto Andrews estava no caminho certo, mas ele e outros ocidentais desde então se desfizeram das aparentes anomalias e continuaram a pensar que os havaianos e seus kahunas simplesmente adoravam ídolos que eles chamavam de deuses.

A verdade, de vital importância para o entendimento da filosofia e práticas dos kahunas, é que akua significa “uma completamente formada idéia-em-ação”. Isto é, uma idéia ativa que manifesta efeitos. As raízes da palavra contêm significados que têm a ver com movimento ou tendência para exteriorizar a si mesmo, transformação, e ação completada. Os kahunas propositadamente utilizavam certas destas idéias estruturadas para suas curas. Os quatro grandes akua eram Kane, Ku, Lono e Kanaloa. Se você pode conceber que um tipo particular de idéia pode ser essencialmente uma energia inteligente, então isto pode ser legitimamente chamado de deuses, mas não de outra forma.

KANE

Exteriormente, Kane era considerado como o mais alto, mais espiritualizado deus e que nunca era representado por uma imagem esculpida. No mais, ele podia ser representado por um objeto natural, usualmente por um pilar nú de rocha. Ele era pensado como um deus de paz e amor, e sua contraparte feminina era Wahine. Nas conversas comuns, Kane significava “homem” e Wahine significava “mulher”. Kane e Wahine eram então símbolos do conceito equivalente chinês de yin e yang. Para os kahunas, Kane e sua companheira representavam a dualidade natural do deus interior de cada ser humano, similar ao “Cristo-interno” dos cristãos ou à mente búdica dos budistas. Ele/ela são, em outras palavras, a essência espiritual e fonte da individualidade, da alma, do Eu Superior ou Grande Eu. Um outro termo para esse “deus pessoal” é amakua, que Long bem traduziu como “espírito parental absolutamente confiável”; e dois outros termos para o mesmo conceito, kumupa’a e ‘ao’ao, ambos carregando conotações de ensinamento e direção. No tempo da chegada dos europeus ao Hawaii, muitos havaianos reverenciavam este espírito interno somente como um tipo de ancestral guardião, porque as pessoas tinham misturado a fonte física de sua existência com a espiritual. Eu terei mais a dizer sobre este akua e os próximos dois akuas no capítulo da abordagem kahuna de cura mente/corpo.

KU

Ku era visivelmente associado com fertilidade, chuva, feitiçaria e guerra. Como palavra comum, seu significado tinha a ver com simbologia geradora; como base ou molde de algo; uma coisa a qual pode ser mudada ou transformada; e algo que pode Ter complexidades emocionais. Psicologicamente, Ku sustenta o que talvez possa ser chamado de “corpomente”; a organização consciente do corpo, o receptor de informação sobre o mundo físico (visível e invisível), e o executor de ação. Isto é tentadoramente chamado de “subconsciente”, como eu tenho feito por aí, mas a menos que a associação integral com o corpo seja compreendida, este termo pode ser mal entendido. Em quase todas as lojas de turistas no Hawaii você pode comprar uma figura moldada de Ku que é um belo exemplo do símbolo “manuscrito” kahuna. A estatueta desse akua o mostra virtualmente como não tendo capuz (isto provavelmente é imaginação memorizada), bandeiras chegando até ao chão (envolvimento primário com o mundo físico), e olhos fechados (consciência limitada).

LONO

Lono era o deus da agricultura, medicina e meteorologia na religião visível. Na psicologia kahuna ele representa o intelecto, aquela porção da mente que pode ser percebida, interpretada e dirigida. Um código ou origem prejudicado do nome revela significados de receptividade de informação e atuação; cérebro, especialmente a parte frontal, e inteligência; alcance de metas; criação de desejos; e pensamento imaginativo. A estatueta de Lono é vista como tendo um alto capuz (imaginação criativa), bandeias curtas sem chegar ao chão (contato indireto com o físico), e sem olhos (dependente de algo além para se informar sobre o mundo).

KANALOA

Nas lendas mais antigas do Hawaii, Kanaloa é sempre mencionado na companhia de Kane, e ambos viajam ao redor das ilhas encontrando quedas d’água. Kanaloa era conhecido como um deus de cura e um deus dos oceanos, e era muitas vezes representado por um polvo ou lula bem como uma figura particular esculpida. O uso do polvo/lula como um símbolo tem a ver com o significado sagrado do número oito e o fato de que a palavra para ambas as criaturas, he’e significa “fluir (como no fluxo da força vital)” e “escapar (como que escapando da doença)”. Depois da influência cristã nas ilhas, Kane, Ku e Lono foram comparados com a Trindade, e Kanaloa foi assumido como uma função de Satã.

Como palavra, Kanaloa significa “segurança, firmeza, incontestável”, e é usada como referência poética para comida, um símbolo de poder. Na tradição interna kahuna, Kanaloa representa o Homem Ideal – totalmente consciente, totalmente físico, e ao mesmo tempo totalmente espiritual, amando e sendo amado e em

contato consciente com sua origem. A figura esculpida o mostra com um alto capuz (o poder do pensamento criativo), bandeiras chegando até o chão (envolvimento direto com o físico), e olhos bem abertos (completa percepção dos mundos físico e espiritual).

TRINDADE DO HOMEM

Na filosofia e psicologia kahuna, o homem é um ser espiritual com três aspectos representados por Kane, Ku e Lono. No estado ideal os três funcionam como um, representado por Kanaloa, e nesse estado o homem é capaz de expressar sua total potencialidade. Por razões que serão dadas nos próximos capítulos, desunião pode ocorrer, causando uma quebra na comunicação entre os três aspectos e uma diminuição da efetividade do homem na vida. Para recuperar esta efetividade, os kahunas primeiro ensinam como reunificar Lono e Ku, o intelecto e o corpo, ou as mentes consciente e subconsciente. No grau em que esta reunificação é bem sucedida, a união com Kane também ocorre. É claro, esta reunificação não é física porque não há separação real, mas uma reunificação através do aumento da percepção. Simbolicamente, quando as estatuetas de Lono e Ku são combinadas, o resultado é Kanaloa, o companheiro de Deus.

A DIVINDADE

Quando Kane é referido como Deus, significa o deus-interior pessoal do indivíduo. Os kahunas também reconhecem um fundamental, infinito Deus ou Divindade, e um dos termos para isso é Kumulipo, a mesma palavra usada para o Cântico da Criação e que pode ser traduzida como “origem da vida”. Kumulipo é considerado como imanente na natureza, e a unidade inerente a todas as coisas é aceita como uma verdade básica. Focalizando na realidade física, no entanto, os kahunas sentem que esta palavra é mais útil para estudo e desenvolvimento. Sua visão desta palavra é muito mais ampla do que na cultura ocidental tradicional, e sua percepção envolve pontos de vista de vários estados de consciência, então eles sentem que há muito trabalho no aqui-agora sem especulações inúteis da natureza da Divindade. Huna é uma filosofia pragmática, e não há teologistas entre os kahunas. Kumulipo é tudo o que é, infinito, inerentemente amor. Não muito mais do que isto pode ser dito sobre ele.

ESPÍRITOS

O deus pessoal ou próprio deus (Kane ou amakua) não é limitado à espécie humana na filosofia kahuna. Visto que Deus está em tudo (ou tudo está em Deus – os kahunas concordam com ambos), tudo tem sua própria forma de percepção/consciência. Num sentido mais profundo, tudo está vivo, perceptivo e responsivo. E tudo, até o que os cientistas ocidentais podem considerar como “matéria morta”, tem um Eu Superior com o qual pode-se comunicar conscientemente. Comunicação inconsciente, ou telepatia subconsciente, acontece constantemente entre nós e nosso ambiente porque este é o modo primário no qual o mundo interage consigo mesmo. Um exemplo disso pode ser o modo como as plantas mostram sua resposta à dor ou prazer de outros seres vivos prontamente. Como humanos, no entanto, nós temos um potencial de consciência, comunicação telepática deliberada com qualquer coisa, e desse modo o potencial para influenciar propositadamente nosso ambiente através de meios não-físicos. Com isto vem a idéia de que há deuses-interiores (amakuas ou simplesmente akuas) para grupos de coisas bem como para indivíduos, e que a essência do grupo é mais do que a soma de suas partes. Dessa forma uma árvore tem seu próprio amakua, e a floresta da qual a árvore é parte, e o vale no qual a floresta vive, e também o próprio mundo – e mais além. Nos velhos tempos os kahunas poderiam pedir permissão para o espírito de uma árvore antes de cortá-la, ou para o espírito do vale antes de cruzá-lo. Eles faziam isto em respeito à mesma origem da vida à qual eles pertenciam e para assegurar cooperação. Hoje, um kahuna pode andar até seu carro ou sua casa do mesmo modo, e usar o mesmo conceito no seu trabalho de cura.

Como eu tenho pontuado em outros textos, a palavra inglesa “espírito” encobre uma larga variedade de fenômenos que os kahunas reconhecem como completamente diferentes. Para ser breve, dentro desta

ampla categoria os kahunas reconhecem formas-pensamento, manifestações de campos de energia, aparições complexas como personalidades separadas, efeitos extremos de sensibilidade telepática ou clarividência, o equivalente a anjos, bem como “idéias em ação”. Nos relatos ou lendas populares, a filosofia kahuna não inclui a idéia de demônios reais, diabos ou espíritos errantes da morte. Eles são vistos como formas-pensamento criadas consciente ou inconscientemente, ou manifestações de complexos negativos. Todavia, um kahuna pode agir como se essas coisas realmente existissem, quando tratando uma pessoa que sinceramente acredite nisso.

CRENÇAS E REALIDADE

Para os kahunas, a crença é a base fundamental da experiência de qualquer realidade. A idéia é de que nossa experiência é condicionada pelo que nós acreditamos, e nós somente podemos experimentar o que acreditamos ser possível em algum nível de consciência. Quanto mais firmemente nós acreditamos em algo, mais profundamente isso afeta nossa experiência. Obviamente, a principal tarefa do curador kahuna é ajudar as pessoas a mudar suas crenças de não-saudáveis para saudáveis.

As crenças que as pessoas alimentam podem ser divididas em três tipos, todos mantidos ao mesmo tempo. O primeiro é a concepção (paulele), um estado de crença no qual não há dúvidas de qualquer tipo e a experiência é consistente com o que se acredita. O segundo é atitude (kuana), crenças que alojam dúvidas mas que são tão habituais que continuam a influenciar a experiência. E o terceiro é opinião (mana’o), uma crença que é facilmente mudada à luz de novos conhecimentos. Em contraste, somente novos conhecimentos que contradigam concepções e atitudes raramente produzirão mudanças. Eu vou entrar nessas crenças e seus efeitos sobre a saúde mais a fundo no capítulo corpo/mente.

Você cria sua própria realidade por suas crenças, dizem os kahunas, e os tipos de realidade que cria podem também ser classificados dentro dessas categorias. Os psicólogos ocidentais estão familiarizados com o que é chamado de realidade subjetiva e objetiva. A isto, os kahunas adicionaram uma terceira, que eu irei chamar de realidade projetada.

Realidade subjetiva é pono’i, uma palavra que se refere a um senso pessoal sobre o que é certo, apropriado, bom, moral, correto, bem sucedido, útil, etc. Esta é a realidade do julgamento, e uma das que tem maior efeito na saúde e felicidade. Por exemplo, na minha realidade pessoal, caminhadas (fazer trilhas) é uma atividade positiva e benéfica, mas na realidade pessoal de minha esposa isso é negativo e doloroso. Esta não é simplesmente uma diferença de opinião; é uma diferença na experiência subjetiva.

A próxima é a realidade objetiva, ou como eu prefiro chamá-la, realidade comum. A palavra para isto é oia’i’o, a qual significa conteúdo e fatos, e se refere ao modo como as coisas parecem ser sem levar em consideração as atitudes e opiniões. Esta é a realidade da aparência e da interpretação, da tecnologia e dos feitos práticos com o mundo material. Os “fatos” do seu ambiente imediato permitem que você coma, respire, trabalhe, brinque e interaja com os outros, e esta é a realidade de oia’i’. Esta realidade é mais facilmente mudada através da reinterpretação dos fatos, como muitas vezes acontece com os inventores.

O terceiro tipo de realidade é maoli, a qual tem significado de “combinar a vibração”. Esta é a realidade que começa como subjetiva e se torna objetiva através de contínua projeção mental. Esta é a realidade que você cria ou divide no propósito de criação, trazendo seu desejo do nível de uma idéia ou imagem para o nível da experiência física. Isto não é algo estranho que somente adeptos podem fazer depois de longos anos de disciplina. Você faz o tempo todo quando planeja e alcança um projeto. Virtualmente o mesmo processo pode ser usado para trazer uma cura. Os kahunas não vêem a realidade como algo afastado ou externo a nós mesmos, mas tratam tudo como parte e parcela de um estado psicológico. O potencial que nós temos é enfatizado pelo fato de que maoli pode também ser traduzido como “um estado de prazer”.

VIDA E MORTE

A palavra havaiana para vida é *ola* e a mesma palavra é usada para “um pensamento de suporte ou rendimento, para saúde ou cura, boa existência, bem estar, segurança, salvação, uma vida longa”, e outros significados semelhantes. As raízes têm um significado básico de emissão ou recebimento de luz, e os kahunas usam a luz como símbolo tanto de energia como percepção. Uma idéia fundamental por trás disso é que a saúde,

uma vida produtiva e satisfatória, está intimamente conectada com um incremento contínuo de percepção. Duas outras palavras significam vida, ea e há, ambas significando “respiração” também, sendo o duplo significado aparentemente comum em muitas filosofias antigas. Além disso, essas duas palavras carregam significados associados com o movimento da água; e água em si mesma (wai), é também usada como símbolo da vida. Dessa forma, vida é percebida pelos kahunas como algo que flui e se move em círculos, como a respiração e a água. De fato, uma frase recorrente nas lendas e orações do Hawaii, wai ola, pode ser igualmente “a água da vida” e “o fluxo da vida”.

De um ponto de vista ocidental parece natural que a morte seja o oposto da vida, e supõe-se que a palavra kahuna para isso faria referência a uma interrupção do fluxo. Contrariamente, no entanto, a filosofia kahuna trata a morte como uma continuação da vida em diferente direção ou estado. Isso é evidente nos significados alternativos para termos comuns e poéticos para a morte, usados no Hawaii, e dados abaixo:

- make loa – forte desejo de algo
- hiamoe loa – desejo de um longo sono
- ua makukoa’e ‘oia – vida do tipo que flui
- ala ho’i ole mai – o caminho sem volta
- waiho na iwwi – viver por trás dos ossos
- moe kau a ho’oilo – tempo do sono para germinar (renascer)
- a lele nui ka mauili – os espírito (da vida) flui
- lele ka hoaka – o espírito (ou corpo astral) flui
- há’ule – começar a fazer algo.

Um problema importante para muitas filosofias é não somente porque ocorre a morte, mas porque ela ocorre quando ocorre, e de que modo isso se dá. Na superfície isso parece ilógico, sem padrão ou razão, mas é somente porque a cultura ocidental tende a olhar a morte como um fim, algo imposto a nós contra nossa vontade para o qual nós não temos responsabilidade, exceto no caso de suicídio. A visão kahuna é muito diferente. A morte é vista como parte da vida, como uma mudança natural das estações ou a metamorfose de uma lagarta em borboleta. Isso ocorre porque ela é parte do andamento do processo da vida. O quando e como são assuntos notadamente pessoais e das crenças culturais. Por exemplo, se você desenvolve a crença de que idade avançada é uma coisa terrível, que você preferiria morrer do que envelhecer, você provavelmente o fará, até mesmo criando subconscientemente uma doença ou um acidente como meio de ir. E se você tem uma profunda crença de saúde de que pode envelhecer graciosamente, agradavelmente e com total vitalidade, então você provavelmente será um ativo centenário e morrerá rapidamente e pacificamente quando sentir que sua vida se completou. E até o último momento da vida física, uma mudança de crença pode mudar suas circunstâncias. Como eu muitas vezes digo aos meus alunos, você tem um propósito, e seu Eu Superior verá o que você tem feito com este propósito, se ele é feito em poucas horas ou em cem anos, se você o cumpre chutando e esbravejando por todo o caminho ou tem sido um tempo prazeroso.

Ao pós-vida têm sido dadas poucas considerações pelos kahunas porque eles estão muito concentrados na experiência da vida presente. Em geral é considerado um lugar para lembrar da vida que se viveu, para refrescar e renovar os velhos conhecimentos, e para novas experiências e crescimento. O nome para esse estado é Po, e os kahunas asseguram que nós o visitamos em sonhos noturnos quando nos liberamos do corpo e também em certos estados de transe. Nós viemos de Po, o visitamos regularmente e retornaremos a ele, talvez para vir de lá novamente. Para nós significa que o intelecto e o corpo (a porção Lono/Ku do próprio ser), para o Eu Superior (amakua) existe continuamente em Po. A língua inglesa é algumas vezes uma ferramenta desajeitada para discutir certos aspectos do Huna. A impressão é facilmente de que Po é um lugar, mas isto não é apropriado. É mais como um estado multidimensional existindo simultaneamente e co-espacialmente com a vida física. Uma analogia grosseira pode ser feita com os programas de TV que estão indo ou à sua volta agora numa forma que você não pode normalmente perceber. Viver acordado, de acordo com o Huna, é como estar sintonizado com um canal particular da realidade de modo a ganhar certos tipos de experiência. Comunicação entre Po e Ao (vida acordada) é possível porque o todo da pessoa existe em ambos ao mesmo tempo, e tudo o que está envolvido é a mudança de percepção. Em alguns contextos, Po também significa “Mente”.

Reencarnação é uma parte da filosofia kahuna, mas o conceito é radicalmente diferente de muitos outros sistemas de pensamento, porque o conceito kahuna de tempo é também radicalmente diferente. Brevemente, tempo é uma forma de vibração de energia, como o som ou luz, e tem alcance de frequência como eles.

Todos os “tempos” estão acontecendo de uma vez, mas nossos sentidos físicos normalmente restringem nossa percepção num alcance particular que chamamos de presente. Com nossas mentes podemos transcender os limites físicos e perceber aquelas porções do nosso ser total que “agora” existem em outros tempos e lugares. O resultado prático deste conceito é que os kahunas não vêem a vida presente como consequência ou efeito de condições numa vida “anterior”. Eles não aceitam a idéia de “débito cármico” segundo o qual tem-se que pagar pelo que foi feito em experiências e ações numa vida passada. Em vez disso, eles poderão dizer que você contém todas as suas chamadas experiências reencarnatórias dentro de si neste momento como dados mais ou menos latentes, e que sua vida presente é um dado latente de suas outras vidas. Você as afeta bem como elas afetam você. A relação é mais um reflexo paralelo do que uma causa e efeito, e seu presente sistema de crenças governa quais porções de outras vidas você pode perceber. Você pode mudar suas crenças explorando, entendendo e afetando vidas “passadas”, ou explorando, entendendo e afetando esta vida. No que concerne aos kahunas, é tudo a mesma coisa, e o que importa é trazer os resultados desejados.

BEM E MAL

Qualquer filosofia designada a servir de guia para a conduta humana lida com o problema do bem e do mal como eles aparecem no mundo. A abordagem kahuna é extremamente prática e simples. Para começar, não há paralelo no Huna à noção de um ser maldoso como Satã, que procura tentar e capturar almas de homens, e que pode ser convenientemente culpado por seus erros pelos padrões de outros homens. Os kahunas consideram Satã e similares, como personificações das idéias humanas sobre o mal. Eles ensinam que todo ser humano é responsável por suas próprias ações e resultados destas ações. Não há nenhum conceito de pecado contra Deus, no sentido ocidental. As leis de Deus são leis naturais como a gravidade, momentum, magnetismo, etc. Como são leis muito naturais, não pode haver “pecado” contra elas sem efeitos imediatos. Tente pecar contra a lei da gravidade andando num penhasco. “Vivendo em pecado pela definição das leis de Deus” é assim uma impossibilidade na visão kahuna. Por outro lado, isso não significa que o homem não cometa atos do mal.

Há três palavras havaianas mais comumente traduzidas como “pecado”, e examinando-as revelarão muito sobre o pensamento kahuna nesta área. A primeira palavra é hala, e essencialmente significa “errar por omissão”. Isto é, perder o rumo, o fracasso de algo que precisava ser feito. Antes de ser um pecado no sentido ocidental, isto é realmente considerado como um engano, um erro de julgamento que pode e deve ser retificado para o bem do indivíduo bem como para a sociedade. Deixar a cena de um acidente ou não pagar taxas são omissões que podem caber nesta categoria. O segundo tipo de pecado é hewa, que é o erro indo ao exagero, fazer algo em excesso, algo em demasia e então não é bom para o indivíduo ou para a sociedade. Este também pode ser retificado. Alcoolismo, dirigir muito rápido e perturbar a paz são atividades hewa. Nem hala ou hewa são pensadas como ações do mal – estúpidas e loucas, talvez, mas não do mal. A palavra certa para o mal é ‘ino, fazer o mal intencionalmente a alguém. A palavra chave é intencional, o desejo de prejudicar. Isto é mais do que um engano porque é feito com total entendimento. Este é um pecado contra si mesmo ou outro ser, contra a própria vida. E por ser a intenção a chave, somente o indivíduo que comete o ato pode realmente julgar o que foi feito, pois atos semelhantes podem Ter razões diferentes. Numa guerra, por exemplo, pessoas matam outras pessoas. Mas alguns matam pelo prazer de fazê-lo, alguns por medo de serem mortos, e outros para defender o que lhes é caro. A intenção faz a diferença, e o indivíduo é seu próprio juiz no sentido ético.

Usando a palavra “sociedade” para denotar qualquer tipo de grupo, os kahunas reconhecem que uma sociedade pode fazer quaisquer regras ou leis ou padrões éticos e planejar quaisquer punições para os desobedientes, que considerar apropriadas. Ao mesmo tempo, um indivíduo nesta sociedade tem o direito de obedecer essas leis e receber os benefícios da sociedade, ou quebrá-las e arcar com as consequências. Uma sociedade pode até estabelecer o que considera como leis morais, mas elas permanecem sendo as leis daquela sociedade particular, e não são necessariamente adequadas para aplicação universal. Além disso, um indivíduo que acredita que quebrando as leis de sua sociedade está cometendo um pecado, irá encontrar algum modo de punir a si mesmo se a sociedade não o fizer, usualmente através de doença ou acidente. Mas à parte do que a sociedade faça ou não com uma pessoa que quebra suas leis, o julgamento final é aquele feito pessoalmente pelo deus-interno (Eu Superior). O único pecado universal é a violência à vida. Isso inclui prejudicar intencionalmente ou algo do tipo, e é aplicável a plantas, animais ou à própria terra, como o é aos seres humanos.

AMOR E EMOÇÕES

Max Long formulou um “mandamento” Huna o qual ele determinou como “Não Danificar”. Entre os kahunas, no entanto, este princípio é determinado mais positivamente como um chamado ao amor. Não há mandamentos em Huna. Ao invés, há lógica, no sentido de uma necessária conexão entre os eventos. Se você comete violência, você receberá violência. Se você ama, será amado. Isto não tem nada a ver com mandamentos; é a natureza da vida. Na linha de visão kahuna de que a experiência segue o pensamento e que todas as coisas são parte de um todo, segue-se que você não pode cometer violência sem primeiro se sentir violento sobre si mesmo; você não pode odiar os outros sem primeiro odiar a si mesmo; e você não pode realmente amar sem primeiro amar a si mesmo. Como WK diz, “Se você não tem em si, não pode dar”. Amor é direcionado para o crescimento e desenvolvimento, enquanto violência é restritiva e repressiva. O que se chama de amar, então, é muito prático. Se você quer crescer e desenvolver uma vida prazerosa, pratica amor. E o grau em que você o pratica, necessariamente começa com você mesmo, no mesmo grau em que cresce, e se desenvolve, e sente prazer.

Na regra de praticar amor, de qualquer forma, você tem que entender o que ele é. Para muitas pessoas na cultura ocidental ele parece ser um tipo de doença ou uma forma de trauma emocional, a julgar pelas descrições dadas a ele. A palavra havaiana para amor é aloha, que muitos turistas de Hononulu conhecem como significando “olá” e “adeus”. Mas aloha é usado para esses cumprimentos precisamente porque significa amor, pois o melhor modo de receber ou deixar a pessoa é com amor. Agora o que é amor? A própria palavra dá a resposta. De acordo com as raízes, ela significa “crescer e ter sucesso agradavelmente juntos”, “compartilhar a experiência da vida”, e “ser feliz com”. Amar é um modo de agir em direção a e com os outros, e um modo de se sentir sobre si mesmo e sobre os outros. O modo de agir é sempre curador, encorajando o objeto de amor a ser bem sucedido e crescer; o modo de sentir é sempre o da felicidade e prazer. Você pode dizer, então, que o amor é a cura, e a cura é o amor. É claro, qualquer coisa pode ser chamada de amor, mas o teste real é se ela encoraja o crescimento e a felicidade.

Emoções são vistas pelos kahunas como um excitação ou movimento de energia através do corpo, e todas as palavras havaianas relacionadas a emoções refletem esta idéia, geralmente com o uso da imagem da água como ondas ou respingos ou então fluindo de algum modo. O nome específico para uma emoção particular depende de que pensamentos a acompanham. Em termos de sensação pura, você não pode dizer a diferença entre raiva e entusiasmo, ou ansiedade e excitação antecipação. A estimulação do fluxo emocional pode vir de seus pensamentos ou eventos externos, mas em qualquer caso os pensamentos são o que perpetua a emoção, e uma mudança no pensamento pode mudar a emoção experimentada.

RELATIVIDADE

O conceito de relatividade é muito importante na filosofia kahuna, especialmente com respeito à cura. A idéia Huna é bem similar ao conceito yin/yang dos chineses, isto é, tudo é relativo a algo além. Nada pode ser descrito ou experimentado exceto em relação a algo mais porque não há absolutos no mundo de nossa percepção. Isso é uma extensão lógica de uma concepção básica de que Deus ou a Divindade é infinito, e infinito significa ilimitado. Disto nós podemos tirar a seguinte proposição:

Deus é infinito;

Então Deus é toda a verdade;

Então a verdade é infinita;

Então tudo que é, é verdade.

Visto que o homem não pode perceber o infinito, ele nunca poderá perceber mais do que uma parte da verdade, e qual porção depende inteiramente de seu sistema de crenças. Como as crenças humanas mudam, assim também sua verdade, e então sua experiência. A percepção da verdade, então, é relativa ao seu estado mental, assim tudo o que você pode experimentar em qualquer época é uma verdade relativa. Isto é efetivamente trazido na linguagem do Huna porque muitas das palavras “código” contêm significados relativos. A palavra *sagrado* (la’a) também significa “amaldiçoado e sujo”, e até mesmo a palavra aloha, tão fortemente associada

com alcançar, fazer contato e compartilhar, tem uma raiz adicional significando prevenção e retenção. A idéia por trás dessas traduções paradoxais é que o significado depende das circunstâncias. Significado somente pode ser entendido em relação ao ambiente. Então, as palavras só fazem total sentido no contexto.

Num sentido amplo, qualquer porção do universo é o que parece ser somente em relação a alguma outra parte com a qual possa ser comparada. Não há absolutos; não há significado sem relação; tudo está não somente interagindo mas é interdependente. Os kahunas usam esta idéia para ajudar a dar um poderoso sentido de segurança e significado às pessoas, enquanto ao mesmo tempo as ensinam que sua própria saúde é a saúde do mundo, e a saúde do mundo é sua própria saúde. Isto não é uma perda da individualidade, mas um entendimento de que individualidade em si mesma é uma relação com o ambiente.

As idéias filosóficas gerais brevemente apresentadas acima formam a base das práticas kahunas que serão descritas nos próximos capítulos.

PRÁTICAS PSÍQUICAS

Nas lendas, narrativas históricas e contos dos viajantes, muitos fatos são contados de práticas psíquicas transmitidas pelos kahunas do Hawaii, práticas que ainda são notadas nos dias de hoje e que são parte essencial dos métodos de cura kahuna. Embora abundantes controvérsias permaneçam, este não é o lugar de tentar provar a existência de habilidades psíquicas. Neste capítulo eu me concentrarei na explicação kahuna e uso delas.

NÍVEIS DE PERCEPÇÃO

Como descrito no capítulo anterior, os kahunas reconhecem vários modos de perceber a realidade, e também usam vários níveis de percepção na condução de suas práticas, cada qual com seu próprio grupo de regras ou área de trabalho de crenças. Isto segue o conceito filosófico de que nós vivemos num universo multidimensional, e que nós podemos obter diferentes efeitos e experiências desvinado nosso foco de uma dimensão ou nível para outra. Estes níveis são pensados como coexistentes, portanto mover-se de um para outro envolve meramente um desvio na atenção. Isto pode ser comparado a viver em uma kinitete que pode ser usado para dormir, comer, ler ou trabalhar criativamente. Fazendo um ou outro, a sala não muda realmente, só o uso dela e nossa percepção dela. WK gosta de dividir estes níveis em quatro tipos diferentes. De qualquer modo, os kahunas vêem todas as categorizações e divisões de qualquer tipo como potencialmente úteis, mas sempre arbitrarias. Separação é somente uma ilusão cômoda. Assim os kahunas se sentem livres para desenvolver qualquer tipo de modelo explicativo que sirva aos seus propósitos. Com isto em mente, aqui estão os quatro níveis de WK:

PRIMEIRO NÍVEL – FÍSICO (*Ike Papakahi*)

Este é o nível que pode ser chamado de “experiência física bruta”. Se refere à esfera do cotidiano que nós conhecemos e com o qual trabalhamos através da visão, som, tato, paladar, olfato e sentimento. Este nível não é irreal/imaginário, mas é um nível de percepção parcial. É um nível pragmático no qual casas podem ser construídas, alimento pode ser comido, e onde as pessoas podem se relacionar com outras com aparente independência. Sua característica dominante é um sentido de experiência objetiva, de separação entre as pessoas, objetos e eventos.

SEGUNDO NÍVEL – PSÍQUICO (*Ike Papalua*)

Este é o nível da maior experiência psíquica. Neste estado, a experiência objetiva não é rigorosamente definida, porque você pode se comunicar com seu ambiente e influenciá-lo de maneiras que não seriam possíveis na ação restrita do primeiro nível. Subjetividade torna-se mais importante, mas ela é usada como um meio de agir no mundo externo. Daqui você pode usar técnicas mentais para criar eventos objetivos.

TERCEIRO NÍVEL – RELACIONAL (*Ike Papakolu*)

Este é um estado de inter-relacionamento ou reatividade. Tempo, espaço, matéria, energia, humanos, plantas, animais, tudo se tornam conceitos relativos que estão constantemente interagindo uns com os outros. Enquanto os dois primeiros estados são primariamente orientados para a ação, este e o próximo são mais orientados para informação. Por exemplo, um adepto kahuna pode usar este estado para aprender a verdadeira natureza da doença de uma pessoa, deslocar-se para o segundo estado para executar uma cura psíquica, e deslocar-se novamente ao primeiro estado para fazer uma massagem ou remédio herbal ou um ritual para impressionar o paciente.

QUARTO NÍVEL – MÍSTICO (Ike Papakauna)

Este é um estado de percepção mística de si mesmo e do universo. Alguns escritores o têm chamado de consciência cósmica, e até que a experiência dele possa alterar o modo como a pessoa vê a vida e como decide agir desde então, ele é puramente um estado subjetivo e não pode ser usado de nenhuma forma “prática”. Como um exemplo, se um kahuna, sem nenhum meio de proteção física, ficar face a face com um leão comedor de homens, ele pode usar o segundo nível para influenciar telepaticamente o leão a deixá-lo em paz, e ele pode deslocar-se ao terceiro nível para determinar porque permitiu a si mesmo entrar numa situação semelhante, e aprende como mudar este pensamento para que isso não aconteça de novo. Se ele se deslocar para o quarto nível, poderá entender que ele e o leão estão unidos no grande esquema das coisas e que não importa o que aconteça será certo e bom aos olhos do universo. No entanto, se ele contar somente com este estado, provavelmente será comido.

MENTE, ENERGIA E MATÉRIA

Na sua pesquisa do conhecimento dos kahunas, Max Long disse que estava diretamente olhando para três fatores: uma forma de consciência (no’ono’o), uma forma de força (mana), e uma forma de substância (aka). Como todas as três são essenciais para práticas psíquicas kahuna, uma breve explanação de cada uma é requerida.

Neste contexto, consciência (no’ono’o) é pensamento na forma de imaginação, e isto tem dois aspectos. Um é “olhar do subconsciente” (makaku), imaginação baseada nas crenças atuais. Ela pode se manifestar como imagens da memória, sonhos, devaneios espontâneos ou habituais, e até visões antecipadas de aborrecimentos. Este aspecto é usado no recolhimento de informação psíquica (imaginação não é exatamente fantasia) e é chamado usualmente de “afinação” pelos psíquicos. O segundo aspecto (laulele) tem como raiz o significado de formação de um padrão embrionário e também *difusão* e *voar para fora*. Isto é imaginação conscientemente dirigida pela vontade, do tipo que um arquiteto pode usar antes de colocar suas idéias no papel. Com laulele o kahuna estabelece um padrão mental do que ele deseja obter, que combina com a idéia filosófica da realidade projetada. Esta idéia está contida na raiz *’ono* de *no’ono’o*, que significa “querer, desejar obter algo”. A idéia é que o poder emocional é dirigido fortemente pela vontade. Dos muitos equivalentes havaianos da palavra *desejo*, somente *’ono* carrega a idéia de intenção dirigida para obtenção de algo. *No’ono’o* então, é imaginação criativa intencional.

Para o kahuna, a chave real do trabalho psíquico é a força psíquica ou poder divino (mana). Isto se refere ao poder de qualquer tipo, mas especialmente confiança e energia. Como energia, ele é a força vital que permeia o universo, a qual é altamente concentrada nas coisas vivas. Ela pode ser acumulada, focalizada e transferida de uma pessoa ou objeto para outra. Mana é visto como tendo muitas das características da eletricidade, magnetismo e gravidade, e os kahunas vêem isto como variações de mana.

A efetividade de todas as práticas psíquicas é determinada por sua abundância ou escassez. Então, uma grande quantidade de atenção é requerida para aprender como conscientemente incrementar o suprimento disponível. Um modo é usando a imaginação consciente ou visualização, imaginando que o mana está sendo absorvido – como de fato está. Quando práticas kahunas desta natureza são contínuas, você pode realmente sentir sensações físicas no corpo como arrepios, formigamentos ou calor, todos assinalando o incremento do fluxo de mana. Um outro meio é praticar várias formas de respiração e exercícios especiais, similares aos que um yogi pode usar. Isto está baseado na idéia de que mana está também no ar e pode ser puxado mais abundantemente pelo controle consciente da respiração. Certos alimentos são tidos como particularmente possuidores de fortes concentrações de mana se ingeridos, e objetos especiais são tidos como portadores de larga quantidade de mana, podendo ser manipulados de várias maneiras. O som, em forma de canções, cânticos e música pode ser usado também. Mas a prática mais comum, no entanto, é a construção consciente da emoção. Para os kahunas, emoção é mais do que somente sentimento; ela é o movimento de mana no corpo acompanhado por um pensamento específico. Emoção forte é igualada à presença de grande concentração de

mana. O kahuna habilidoso é supostamente um mestre de emoções, capaz de gerá-las, dirigi-las e dissipá-las à vontade. Virtualmente todas as palavras usadas em Huna para práticas psíquicas contêm raízes que claramente indicam o uso da emoção contida nelas. Perceba isto, no entanto: quanto mais mana-como-confiança você tem, menos mana-como-energia você precisa; e quanto menos mana-como-confiança você tem, mais mana-como-energia você precisa.

Aka é o “estôfo” básico do universo físico, fora do qual toda manifestação material é formada. A palavra tem significados de “luminosidade, transparência, sombra, reflexo, espelho, essência”. Aka atua como um espelho para refletir padrões de pensamento em ambos os níveis: psíquico e físico. Comparado ao reino do puro pensamento, ele é uma mera sombra. Os kahunas acreditam que este “estôfo” pode ser formado e modelado pelo pensamento consciente e inconsciente, e que ele atua como um “contêiner” de mana. Quanto mais mana ele contém, mais denso parece. Algumas formas de aka são conhecidas pelos psíquicos como formas de matéria etérica ou astral, e sob certas condições no estado psíquico de percepção ele aparece como uma luminosidade transparente. As características reflexivas deste estôfo são o que permite a um curador kahuna mudar as condições mudando o pensamento.

SIMBOLOGIA

No ensinamento e prática destas artes psíquicas, os kahunas fazem grande uso de símbolos metafóricos e ferramentas. Diferentemente de alguns ocultistas ocidentais que talvez atribuam poderes mágicos inerentes às ferramentas físicas de seu trabalho, os kahunas estão bem conscientes que o propósito primário de semelhantes ferramentas é estimular a produção de mana do subconsciente, e dirigir este fluxo numa determinada direção da mente consciente. É claro que qualquer objeto particular pode ser infundido com um suprimento extra de mana, que pode torná-lo um estimulante mais eficaz, mas as ferramentas usadas pelos kahunas são honradas mais pelo duplo significado de seus nomes do que por qualquer eficácia que elas possam ter.

Por exemplo, uma ferramenta tradicional em muitos rituais kahuna antigos era uma bebida narcótica feita de raiz *awa* (kava). A razão por trás disto era que a palavra *awa* significa uma “desagradável ou trágica experiência, e também um canal ou passagem através de um recife para dentro de um porto pacífico”. Oferecendo *awa* aos deuses, o kahuna estava realmente fazendo um ritual para convencer o subconsciente que experiências amargas estavam sendo trocadas por paz interior. Uma outra ferramenta sempre usada no Havaí para várias práticas, muitas vezes de proteção, é a folha de *ki* (ti), porque outros significados de *ki* incluem “força, ataque, prender, e pegar”.

Animais, plantas, flores, peixes, pássaros, rochas e outros objetos são também utilizados de acordo com os vários significados contidos em seus nomes, completamente separados de seu uso como um recurso extra de mana ou por alguma característica química ou nutricional. Os kahunas sabem que o poder real de uma palavra reside no seu significado psicológico. O som sozinho pode estimular um fluxo de mana, mas o som formado dentro de uma palavra com impacto psicológico tem um efeito muito maior.

No ensinamento e aprendizado, é muito comum o uso e aplicação de metáforas. No ensino da teoria da eletricidade, por exemplo, um estudante pode ouvir que eletricidade é como a água fluindo através de um cano, com o fluxo sendo a corrente, a pressão sendo a voltagem, e a fricção contra o cano sendo a resistência. Os kahunas também usam metáforas de um modo semelhante para explicar os diferentes aspectos dos conceitos que eles ensinam. A seguir estão algumas das metáforas usadas pelos kahunas havaianos para descrever os efeitos e ações dos três primeiros fatores do pensamento imaginativo, energia e poder, e matéria:

Pensamentos – pacotes, blocos, sementes, redes, teias, quaisquer instrumentos perfurantes, naipes, brotos e animais jovens, peixes e flores.

Poder- água, chuva, névoa e neblina, ondas e intumescências, fogo, alimento, galhos ou braços, e cores (especialmente vermelho).

Matéria- (etérica) uma ponte, uma abóbada ou arco, um arco-íris, uma caverna, corda, pavio ou cordão, sombras, um embrião, articulações do corpo, anzóis e núvens.

Com semelhante simbolismo os kahunas podem ensinar seus conceitos de um modo que os estudantes possam facilmente relacionar com o mundo natural.

CATEGORIAS DOS PODERES PSÍQUICOS

Classificando as práticas psíquicas dos kahunas aparecem alguns problemas porque as categorias ocidentais são baseadas principalmente em diferentes concepções. Para os kahunas, todas as práticas psíquicas são somente variações no processo básico que utiliza o pensamento, energia e matéria etérica, para comunicar, mudar condições ou fazer ambos de uma vez. Também, semelhantes práticas são tidas por eles como envolvendo extensões de nossos sentidos existentes, não dos sentidos “extras”. Todavia, para o propósito de discussão eu dividirei as práticas psíquicas kahunas em áreas da telepatia, clarividência, precognição e psicocinese. Você entenderá, no entanto, que estas são categorias de função, não de natureza, e que na prática atual elas se sobrepõem. A interpretação kahuna delas difere da ocidental em muitos aspectos.

TELEPATIA (Una)

No estrito uso kahuna, una (telepatia) é a transmissão de pensamentos ou idéias por ação da mente e energia psíquica. Isso se refere somente a mandar, não a receber, e se refere somente à telepatia intencional. Os kahunas acreditam que a comunicação mental é uma função natural dos seres humanos, e que ela está constantemente operando contrariamente à limitada percepção das pessoas. Este tipo de comunicação inconsciente é chamada *ike hanau*, que talvez possa ser traduzido por “instinto”. Una difere por ser deliberadamente aplicado, e o processo é absolutamente simples. Você focaliza sua atenção na pessoa com a qual quer fazer contato, constrói um suprimento extra de mana, pensa claramente naquilo que quer transmitir, e determina-se a transmitir. No entanto, uma prática eficaz somente é obtida com disciplina e conhecimento da natureza da mente, energia e matéria. Nisto não difere de qualquer outra habilidade que requeira prática e conhecimento. Na cura, um kahuna usará telepatia intencional para transmitir sugestões saudáveis ao paciente, em adição a quaisquer outras técnicas que possa usar. Os kahunas ensinam que esta habilidade não é afetada pela distância, mas quando transmitindo a um paciente que esteja fora da visão, torna-se mais importante pensar numa imagem clara dele. Nos velhos dias, pedacinhos de pertences pessoais eram usados quando disponíveis, para ajudar na concentração; hoje em dia um kahuna pode usar uma assinatura ou fotografia.

CLARIVIDÊNCIA (Kilo/Nana Ao)

A palavra clarividência cobre dois diferentes tipos de fenômeno: a habilidade de receber informação mentalmente (kilo); e a habilidade de ver auras e formas de energia soltas (nana ao).

Recepção mental inclui a idéia ocidental de receptividade telepática e a técnica conhecida como “psicometria”, um processo onde se obtém informação sobre pessoas e eventos de um objeto de alguma forma relacionado a eles. Também inclui aquelas formas de clarividência nas quais uma ferramenta intermediária é usada, como olhar numa bola de cristal, leitura de baralho e interpretação de presságios. Todos eles usam a mesma técnica básica para obtenção de um estado mental de comunicação (*ike papalua*) através de vários exercícios de concentração e dissociação: focalizando a mente e pretendendo a origem da informação; estando alerta à entrada na forma de imagens, sensações e sentimentos durante o período do foco; traduzindo esta entrada em algo significativo. Quando aplicadas para cura, estas práticas são usadas primariamente para diagnosticar as causas mentais e comportamentais da doença e para localizar as áreas de tensão no corpo. Você pode perceber o problema do uso das categorias ocidentais quando os kahunas não vêem diferença entre receber informação telepaticamente de um humano ou clarividentemente de uma rocha.

WK diz que o termo *mana ao* se refere à habilidade de ver coisas como as auras, campos de energia e corpos etéricos ou astrais, embora a frase seja traduzida no dicionário havaiano como “interpretação de núvens” (no sentido de tratar as formas das núvens no céu como presságios). Eu tenho demonstrado em centenas de casos que qualquer um pode ver auras e campos de energia se souberem para o que olhar e como olhar, mas muitas pessoas nunca perceberam que podem. *Nana ao*, no entanto, inclui a habilidade de interpretar o que você vê. Os kahunas que praticam isto para a cura, usam-no para determinar áreas de tensão no corpo. Eles também avaliam estados emocionais pela interpretação visual das cores que vêem e/ou áreas relativamente mais

brilhantes ou escuras. Como uma variação, alguns kahunas usam o sentido do toque em vez da interpretação visual, e isto é chamado de *haha*. Em semelhantes casos, o kahuna talvez percorra suas mãos sobre o corpo do paciente ou a poucas polegadas da pele e sinta áreas de “suavidade” ou “aspereza”, com a posterior indicação das áreas problemáticas. Um kahuna praticando visão clarividente raramente contará com ela somente, mas incluirá telepatia como parte do processo.

PRECOGNIÇÃO (Wanana)

Precognição – a arte da adivinhação – é um conceito que embaraça e frustra cientistas e filósofos da mesma forma. Já o peso da evidência demonstra que aparentemente é possível ver o futuro e Ter conhecimento prévio de eventos vindouros, mesmo apesar de ninguém ter conseguido nada além de um por cento de precisão. De fato, a precisão das previsões psíquicas tem algumas pesquisas confusas. A questão naturalmente aparece como o porquê algumas previsões são altamente precisas, algumas são parcialmente, e outras nem um pouco, até quando dadas à mesma pessoa.

Adivinhação ou precognição, é uma prática kahuna regular, e todos os adeptos kahunas usam-na em algum grau. Visto que ela está incluída como parte do treinamento kahuna, não seria surpresa que as raízes linguísticas contenham informação definidas como a natureza do tempo e precognição. A palavra principal para adivinhação, wanana, significa “observar os padrões do tempo”.

Nossos sentidos normais e psíquicos nos dizem que o passado consiste de eventos que ocorreram, e o futuro consiste de eventos que ainda não ocorreram. Parece razoável de assumir, então, que o presente consiste de eventos que estão ocorrendo e sendo percebidos. A idéia do tempo presente, no entanto, possui um problema para aqueles que estão sendo levados a pensar em passado e futuro como conceitos objetivos. Algumas filosofias orientais afirmam que o presente é uma ilusão, porque tempo é um fluxo contínuo do passado ao futuro. Certos cientistas ocidentais mais ou menos concordam em dizer que, por não poder ser objetivamente mensurado, o presente é meramente uma interface (conexão) entre o passado e o futuro. Em contraste, a visão kahuna do presente é que ele envolve a amplitude de eventos os quais você está processando ou percebendo e com os quais você pode interagir. Uma frase usada para designar o presente é *i keia manawa*, significando “neste fluxo de mana” ou “neste aspecto do espaço/tempo”. Isto dá uma ampla visão do presente que é mais alinhado com nossas percepções.

A palavra mais significativa para passado é *wa 'ae 'oia*, que significa “o período do acordo permanente”. Isto reflete a idéia de que o passado é o que nós lembramos ser e o que nós concordamos que é, bem como as memórias existindo no presente. Nós obtemos um vislumbre próximo das idéias kahuna fundamentais na adivinhação, na frase para o futuro: *ka wa mahope*. Exteriormente, ela significa “o tempo que vem depois”, mas mahope também significa “resultado, consequência”, indicando o ensinamento kahuna de que o futuro é um resultado do que acontece no presente. Uma outra palavra para o presente, *'ano*, contém esta idéia também. Seu significado alternativo é “semeadura, descendência”. Os kahunas ensinam que o presente é o fruto do passado, e a semente do futuro. Então, examinando cuidadosamente o presente, pode-se predizer o futuro. Não é necessário transpor ou transcender o tempo, uma duvidosa possibilidade em qualquer caso. O futuro cresce do que está acontecendo agora.

No entanto, isto não implica em nenhum tipo de predeterminação, porque o momento presente é dinâmico, fluido, não estático. Toda mudança de pensamento ou ação introduz novas variáveis que podem mudar o curso do futuro, e uma das variáveis é a precognição em si mesma. Os kahunas sabem que até expressando uma previsão pode-se afetar o futuro. Quase todas as palavras Huna relacionadas a profecia contêm alusões a isto. E os kahunas também sabem que quanto mais informação você tem sobre o presente, mais acuradas suas previsões podem ser. Então, eles não limitam suas informações ao que é possível fisicamente, mas abrem suas mentes telepaticamente e clarividentemente para obter informação de quantas origens for possível.

Adivinhação, então, consiste na expansão de sua percepção para incluir aspectos não vistos do momento presente, bem como os sabidamente comuns, e então esboçar conclusões sobre o que será mais provável como resultado em qualquer tempo futuro dado. A informação psíquica obtida é frequentemente um processo subconsciente, ou seja, a porção da informação não tem que estar disponível para a mente consciente. Dando a ordem para obter informação, o subconsciente do adivinhador faz um tipo de “estimativa de probabilidade” do futuro e apresenta isto à mente consciente na forma de palavras ou imagens. Os kahunas dizem que este é o processo empregado por todos os psíquicos profetas, estejam eles perceptivos ou não. A previsão mais

acertada concerne ao futuro próximo daqueles eventos cujas “sementes” passadas têm sido abundantemente semeadas, porque há menos oportunidade de novas variáveis serem introduzidas. O dom real do adivinhador kahuna reside na sua habilidade de receber e interpretar informação sem prejuízo. Na extensão que ele pode fazer isto, suas predições serão tão acuradas quanto possível num mundo de potencial infinito. (Esta habilidade é necessária em muitos videntes modernos que predizem o que gostariam que acontecesse, ao invés do que é provável).

Quando a adivinhação é usada num contexto de cura, isto é feito para checar o curso potencial de uma doença e o resultado potencial de vários métodos de tratamento. Baseado nesta informação o kahuna levará um ou outro adiante com o que planejou ou modificará. Ele usará a mesma informação para dar conselhos ao paciente para seu próprio tratamento e direcionamento.

A idéia de influenciar o futuro conscientemente é ligada inextricavelmente com a adivinhação kahuna. Uma vez que o kahuna tenha visto os prováveis resultados dos pensamentos e ações de hoje, ele pode galgar etapas para mudar aqueles pensamentos e ações, isto é, propositadamente introduzir novas variáveis para mudar o resultado provável. É aqui que a adivinhação se funde com a psicocinese, nos termos kahuna.

PSICOCINESE (Kalakupua)

Pesquisas ocidentais definem a psicocinese como “a colocação de um objeto em movimento por vontade própria”, mas esta definição limitada não satisfaz os kahunas. Em primeiro lugar, eles ensinam que vontade própria (‘ono) não pode conseguir nada. Também necessários são: a imaginação (no’ono’o) para prover o padrão de movimento, a energia (mana) para prover o poder, e um meio reativo (aka) através do qual o poder pode funcionar. Sem eles, nem a mais intensa vontade será eficaz. Como uma matéria de fato, a existência de psicocinese inconsciente, como na atividade poltergeist, pode ser vista fora da esfera da vontade como sendo necessária. Em segundo lugar, sob a categoria de psicocinese os kahunas poderão incluir todas as práticas nas quais o direcionamento mental de mana é usado para produzir efeitos sem intervenção física direta. Eles argumentam que algumas variadas atividades como o movimento não-físico de objetos, cura psíquica, controle meteorológico psíquico e mudança do futuro são todos obtidos pelo mesmo processo. Somente a intenção é diferente. Como os kahunas acreditam que o mundo físico é um reflexo do pensamento, eles consideram que todas as mudanças nas condições nascem sob psicocinese, usando sua interpretação expandida, e que isso é um processo natural empregado inconscientemente por qualquer um em maior ou menor grau.

Para controle consciente da psicocinese, WK me deu a palavra *kalakupua*, que os primeiros missionários traduziram como mágica. Um significado interno desta palavra, baseado nas raízes, pode ser “liberar seu poder e transformar desejos em ação completa”. A palavra *kupua* é um sinônimo de mana ou possuir mana, e suas raízes contêm muitas referências à execução de coisas através do pensamento, particularmente pensamento persistente.

DESTRUIÇÃO PSICOCINÉTICA (Ana-ana)

Embora este livro esteja concentrado na cura kahuna, ele não será completo sem uma clara explanação de como os outros podem ser prejudicados através do mesmo processo. Os kahunas ensinam que a única diferença entre cura psicocinética e destruição psicocinética é a intenção do praticante, pois o processo usado por cada uma é virtualmente o mesmo, e o resultado final é determinado pelos tipos de pensamentos e emoções nascidos no ato. Esta exposição não tenciona assustar nem dar um método de trabalho para aqueles que possam tentar abusar de suas habilidades psíquicas. Seu propósito é clarificar um longo mal entendido e raro processo, para que você veja que há menos o que temer do que pode Ter pensado.

Narrativas de feiticeiros capazes de causar danos a suas vítimas à distância podem ser encontradas em praticamente todas as culturas. Quando eu vivi no oeste da África, este era um medo comum entre as pessoas de lá, e alguns desses feiticeiros subsistiam de chantagear vítimas com um tipo de proteção fraudulenta. No Hawaii, feiticeiros ana-ana são respeitados porque podem usar a temida “oração da morte” em alguém que quebre um antigo kapu ou mesmo que irrite o feiticeiro. “Experts” ocidentais que têm pouca ou nenhuma experiência com este fenômeno frequentemente o transmitem como mera superstição baseada no medo das vítimas. Infelizmente, no Hawaii a prática tem se tornado associada com os kahunas em geral. Até Max Long, que era um pesquisador incansável da sabedoria Huna, pensou que os kahunas ao mesmo tempo usassem a

oração da morte para punir malfeitores. O fato é que somente kahunas renegados e independentes, feiticeiros pervertidos, eventualmente utilizavam esta prática.

Poderia ser um erro sério considerar destruição telepática como mera superstição baseada somente no medo. Experimentos bem sucedidos com a transmissão telepática de idéias, emoções e diretivas feitas por pesquisadores modernos em parapsicologia claramente fornecem uma base para a aceitação do conceito, detestável de qualquer modo. O termo ana-ana, como usado no Hawaii, implica estar fazendo algo em excesso de acordo com um plano, e é usado genericamente para abrigar todas as práticas que podem ser chamadas de “magia negra”, mas especialmente a chamada oração da morte. Max Long anotou a seguinte oração da morte, dada como uma ordem ao “deus” Lono. Sua tradução só faz sentido no contexto de substituir os significados das palavras por si mesmos e quando você entende o pensamento kahuna sobre a natureza da mente.

“O Lono
Listen to my voice
This is the plan:
Rush upon _____ and enter;
Enter and curl up;
Curl up and straighten out.”

A oração funcionava com a dupla obrigação de ser um estímulo para o subconsciente do praticante e uma forte sugestão telepática na vítima. É claro, o processo completo envolve muito mais do que a simples recitação de uma oração.

O praticante de ana-ana primeiro fazia contato mental com a vítima. Isto talvez fosse feito diretamente conjurando uma imagem da vítima na mente do praticante ou, mais comumente, segurando algo pertencente à vítima. Esta última técnica é baseada na idéia de que o padrão etérico de um indivíduo fica como uma invisível e durável impressão no campo de energia de qualquer objeto que tenha contactado. Esta impressão é muitas vezes simbolizada em Huna como uma corda pegajosa que conecta o objeto e a pessoa. Uma idéia mais favorável é que esta impressão pode ser ‘lida’ por um psíquico experiente e também usada para fazer contato mental com a pessoa que manuseou. Por este motivo que os chefes do velho Hawaii tiveram grande sofrimento para fazer adornos de cabelo, aparar as unhas, excretar, e até seus ossos depois da morte eram todos cuidadosamente escondidos ou despojados de modo a não poderem ser obtidos por feiticeiros destrutivos. Isto, no entanto, era superstição, porque um psíquico treinado não necessita de nada físico para fazer semelhante contato, embora alguns objetos sejam muitas vezes usados por tornarem fácil a concentração.

O medo das vítimas e suas culpas formam a base do “gancho” psíquico que o praticante estabelece através da transmissão telepática de pensamento e emoção, e o sucesso de ana-ana é baseado no exagero e distorção deles. Quanto mais medos e culpas dominarem os pensamentos dele ou dela, mais rapidamente o vítima sucumbe.

Visto que a intenção do feiticeiro ana-ana não é provar um método, mas obter um fim, qualquer técnica que possa apressar o processo é usada também. Desse modo, se a vítima sabe que ana-ana está sendo usado nela, isto atua como uma forte sugestão para enfraquecer sua resistência. De fato, em alguns casos isto é tudo que o feiticeiro tem que fazer, porque o real trabalho de destruição será continuado pela própria vítima, e isto tem aumentado a crença ocidental de que nada mais está envolvido. Em outras épocas, o praticante talvez usasse uma técnica na qual um objeto é “carregado” com um pensamento emocionalmente pesado conforme os medos e culpas da vítima e colocado em sua vizinhança, preferencialmente em suas mãos. Este tipo de objeto, quando usado para este propósito, é chamado “isca”(maunu). Ele pode também afetar inocentes espectadores que tenham em algum grau os mesmos medos e culpas sofridos pela vítima.

O feiticeiro ana-ana talvez use trapaça, sugestão, rumores, peçonha ou qualquer coisa que faça sua vítima sucumbir. Mas a parte psíquica do processo é virtualmente idêntica à que é usada por curadores kahuna para cura à distância. A principal diferença está na intenção, na natureza dos pensamentos e emoções usadas, e no fato de que a força da recepção é enfatizada, preferencialmente aos medos e às culpas.

Felizmente para a espécie humana, há três fatores naturais que diminuem o dano da feitiçaria destrutiva. Primeiro é o instinto de sobrevivência que ajuda a proteger a todos em alguma extensão dos efeitos de pensamentos e emoções negativos. Se isso não fosse verdade, a terra talvez estivesse despovoada há muito tempo. Segundo, é o fato de que a feitiçaria ana-ana requer uma grande quantidade de habilidade e treinamento, e há muito

poucos com vontade de se submeter a isso no sentido de que envolve um extremamente detestável processo de desumanização. Terceiro, é o fato de que os feiticeiros destrutivos em qualquer cultura têm notoriamente vida curta, porque o poder das emoções negativas que eles geram derrama destruição em suas próprias mentes e corpos. Na malícia das narrativas e lendas populares, não há feiticeiros maus idosos. Eles apenas parecem velhos. Um quarto importante fator é que aqueles que praticam as várias formas de ana-ana e até as formas brandas como “magia do amor” (hana aloha) nunca têm sido permitidos a fazê-lo impunemente.

Alguns curadores kahuna têm se especializado em certos modos de proteção aos frágeis, das influências danosas, e eu irei discorrer um pouco sobre estes métodos depois.

CONTRA-FEITIÇARIA

Há três amplas categorias de técnicas usadas na contra-feitiçaria kahuna. A mais comumente usada por sua eficácia geral é *pale*. As raízes se referem a barreiras contra ondas, indicando proteção contra ondas de emoção usadas em ana-ana ou até inconscientemente transmitidas. Na sua forma simples, pale é a imaginação de um escudo circundante de luz branca (*la'a kea*) acompanhado de emoções fortemente positivas e sugestões de força e proteção. Pale é mais eficaz quando o indivíduo é ensinado a usá-lo em si mesmo e quando ele acredita na sua eficácia. No entanto, não havendo uma descrença ativa, uma crença completa não é necessária. Se você pratica por si mesmo, nunca deve se preocupar com pensamentos negativos e emoções vindas de qualquer um, sejam deliberados ou inconscientes.

Uma outra categoria de métodos contra-feitiçaria, principalmente usada pelos Emocionais da Ordem de Ku, guarda um tipo de filosofia de “olho por olho”. Todas essas técnicas (kuni, ho'i e 'a'e) têm que fazer com que a destruição infligida ao feiticeiro seja do mesmo tipo usado na vítima. Numa história relatada por Max Long, o antigo Curador do Museu Bishop no Hawaii usou uma técnica enviada para proteger seu jovem carregador e matou o ofensivo feiticeiro.

A terceira técnica usada em contra-feitiçaria, primariamente pelas Ordens de Lono e Kane (Intelectuais e Intuicionistas) é *kala*, que entre outras coisas significa “libertar alguém de más influências”. Sua base é liberar a vítima dos próprios medos e culpas, o “desmanchar dos nós”. Em essência, esta é a forma de psicoterapia aplicável à feitiçaria *ana-ana* bem como a eliminação dos complexos negativos. Eu posso lembrar você de que os verdadeiros kahunas não acreditam realmente em possessão por espíritos maus no sentido ocidental, sendo enviada por feiticeiros ou não. Isto é claramente evidente na raiz do significado da palavra para exorcismo, mahiki, que indica um “descamamento” das crenças negativas do passado.

HABILIDADES PSÍQUICAS SÃO NATURAIS

Habilidades psíquicas, de acordo com os kahunas, são uma parte natural do ser humano. Todo mundo as usa numa base diária, e sem elas nós não poderíamos sobreviver. Comunicação telepática com amigos e estranhos, impressões clarividentes das proximidades, pressentimentos e sonhos sobre o futuro, e influência psicocinética de eventos, todos ocorrem espontaneamente em todo homem, mulher e criança. Aqui no ocidente o preconceito cultural da sociedade moderna tem largamente suprimido nossa percepção desses acontecimentos, do contrário eles nos chocam ou assustam. Uns poucos indivíduos que são geralmente chamados psíquicos (a velha palavra “sensitivo” talvez seja mais acertada) não têm suprimido, por várias razões, este tipo de percepção, e mais ou menos abertamente fazem uso dela. Mas eles raramente têm muito entendimento ou controle sobre o que estão fazendo. Um exame das vidas de algumas pessoas mostra, no entanto, que perfeição espiritual, mental, emocional ou física não são certamente pré-requisitos para a obtenção de habilidades psíquicas. Isto é assim porque elas são inerentes a todos nós, e não dons especiais de um deus caprichoso ou qualidades que nós estejamos carentes de obter. Tudo o que nós temos que obter é experiência em seu uso.

Os kahunas são homens e mulheres comuns que têm sido treinados a desenvolver habilidades que já têm, a entender o que estão fazendo, e controlar as práticas psíquicas pela vontade. Como em todo esforço humano, alguns são mais experientes em certas áreas do que outros, e alguns preferem certas práticas a outras, mas todos os kahunas submetem-se ao mesmo treinamento e preparação. Sem levar em conta a orientação do indivíduo, cada kahuna aprende quatro áreas as quais são usadas como sistemas para favorecer o desenvolvimento. As

palavras-chave dessas áreas são as mesmas daquelas usadas para a filosofia em geral (ike, makia, kala e manawa).

- Percepção (Ike) – isto tem a ver com expansão da percepção de seus próprios pensamentos, sentimentos, crenças e comportamentos; percepção deles em outras pessoas; percepção do ambiente visível e invisível.
- Concentração (Makia) – isto inclui não somente o aprendizado da concentração, mas também a manipulação da imaginação e emoção.
- Liberação (Kala) – este é um processo de libertar a si mesmo de idéias e crenças limitantes; de liberar seus recursos internos de energia e habilidade; de aprender a ajudar os outros a fazer o mesmo.
- Direcionamento (Manawa) – esta área tem a ver com o aprendizado de como dirigir um fluxo contínuo de mana para obter um propósito específico.

O uso dos poderes psíquicos é fundamental para o modo kahuna de viver. Em suas crenças, a espécie humana nunca poderá alcançar este potencial total a menos que esses poderes sejam conscientemente usados e desenvolvidos.

A ABORDAGEM MENTE / CORPO

Toda a abordagem kahuna para relações mente/corpo é baseada nas interpretações particulares de três conceitos: mente, energia e matéria. A filosofia e a ciência ocidental sempre têm estado fascinadas pela possível relação entre estes três, mas até bem recentemente a visão predominante tem sido que a mente e o corpo são entidades bem separadas. Grandes usurpações têm sido feitas nesta visão de mundo dualista com a crescente concretização da função que as emoções têm na doença física, mas uma verdadeira abordagem mente/corpo como a que os kahunas usam é ainda considerada bem radical entre a maioria dos praticantes de saúde. Radical talvez, mas é altamente eficaz e absolutamente essencial à prática da cura kahuna. Mesmo hoje, a moderna frase havaiana “hang loose” (afrouxar a corda) é uma referência terapêutica popular à idéia kahuna de que infelicidade e doença física são diretamente relacionados a atitudes mentais que produzem ou aumentam a tensão. Os antigos havaianos tiveram que lidar com as dificuldades da guerra, ruptura social e produção de comida, e os atuais têm de lidar com discriminação social e pressões da civilização tecnológica. Agora, como então, “hanging loose” ajuda a trazer a mente e o corpo a um equilíbrio.

Neste capítulo e discutirei em mais detalhes como os kahunas vêem a mente e seus efeitos na saúde e comportamento; fluxo biológico de energia; a natureza e formação dos complexos; e o fator do feedback ecológico. Ao longo do caminho eu incluirei comentários comparativos dos psicólogos ocidentais e outros.

No ensinamento kahuna, como explicado, a mente tem três aspectos, chamados Kane, Ku e Lono. Três alternativas são, respectivamente, Amakua, Unihipili e Uthane. Estes três interagem intimamente com o corpo, Kino.

O EU SUPERIOR (KANE / AMAKUA)

Na psicologia moderna o equivalente deste aspecto do eu poderia ser o de uma “alma superior” ou “superconsciência”. Embora poucos sistemas da psicologia moderna se preocupem com semelhante idéia, um deles é o modelo de psicossíntese de Roberto Assagioli, que diz:

O que distingue psicossíntese de muitas outras tentativas do entendimento psicológico é a posição que nós temos sobre a existência de um Self espiritual e de uma superconsciência, os quais são tão básicos quanto as energias instintivas descritas tão bem por Freud.

Ele então faz uma distinção, com a qual os kahunas podem concordar, entre a superconsciência e meros estados de alta percepção.

Os kahunas comparam a função do Eu Superior àquela de um professor e artista criativo. Como um professor, ele é considerado como sendo a fonte de todo o conhecimento do qual você pode ter necessidade ou desejo. Então, em qualquer estágio ou circunstância particular da vida, você pode acessar o conhecimento do que fazer para obter um dado fim e como fazê-lo. Este conhecimento talvez seja apresentado através de sonhos, visões, inspirações, pressentimentos, ou através de contatos que você tenha com pessoas e objetos no mundo físico. Visto que este conhecimento é também possível através de uma forma de telepatia, torna-se possível vê-lo fora da consciência alterando seu estado de percepção. Assagioli prescreve uma técnica do tipo kahuna para isto usando símbolos específicos, e fala ao paciente que “há um sábio professor dentro de si, seu Self espiritual, que já conhece seu problema, sua crise, sua perplexidade”. Um kahuna não poderia colocar isto melhor.

Huna ensina que o deus-pessoal nunca exige forçar um certo modo de pensamento ou ação da mente

consciente do indivíduo. Nesta função como professor ele é um distribuidor de informação e nada mais. Isto significa que ele não diz a você o que você deveria fazer, somente o que você pode fazer. O respeito pela liberdade de escolha consciente é sempre mantido, porque é parte do propósito de sua existência aqui. De acordo com os kahunas, então, se você espera uma voz interna guiando-o para fazer suas decisões, você acabará ouvindo suas próprias crenças e hábitos de pensamento, ou os pensamentos de outros não tão sábios quanto você. Os kahunas instruem seus alunos a acautelarem-se com vozes internas que tentam comandar pensamento e ação, pois estas não vêm do Eu Superior. Na maioria dos casos, elas são meramente complexos personificados, que serão discutidos mais adiante. Assagioli reconhece a função do ensinamento quando diz que o propósito do contato com o Eu Superior é a prática do “aumento da criatividade, do aumento da habilidade de dar a si algum campo de escolha”. A experiência mística, a subjetivamente prazerosa experiência de unidade com um grande aspecto de si mesmo (o superconsciente), não é recomendada como um fim em si mesma, tampouco pelos kahunas ou praticantes de psicossíntese. Os kahunas concordam de todo-o-coração com a opinião experiente de Assagioli de que “o sujeito tem que delinear o fogo, o entusiasmo e o incentivo para voltar ao mundo e servir a Deus e aos seus companheiros”.

Em sua função criativa, dizem os kahunas, o deus-pessoal forma e sustenta o corpo físico durante a vida do indivíduo, e também forma a experiência individual da realidade física. Para isto ele usa um “padrão grupal” e um “padrão pessoal”. O padrão grupal consiste nas leis básicas da natureza, não limitadas pela opinião cultural como as outras leis são. Isto é como um acordo geral atingido por todos os Eus Superiores humanos (chamados de *po'e amakua*, como um grupo) como o que limita a realidade física, como a força da gravidade, luz, eletromagnetismo, etc. O padrão pessoal é composto das crenças e atitudes do indivíduo, incluindo as opiniões culturais aceitas como fato, as quais o deus-pessoal usa para formar a experiência subjetiva dos eventos e circunstâncias.

Do ponto de vista kahuna, esta idéia tem valor prático. Você não pode mudar o curso dos tempos, você pode mudar o curso dos eventos que experimenta pessoalmente durante aqueles períodos alterando seu pensamento. A idéia de mudar seu pensamento de modo a alterar eventos não é inteiramente nova para o pensamento ocidental, mas ela vai além do pensamento da psicanálise tradicional, a qual, de acordo com Freud, aponta para a alteração do pensamento de modo a mudar reações às circunstâncias. Maxwell Maltz, M.D., autor de “Psico-Cibernética”, gasta espaço considerável descrevendo como alterar pensamentos leva a mudar circunstâncias; Assagioli lista várias leis psicológicas que diz governarem este conceito; Dr. Irving Oyle, autor de “A Cura Mental”, está convencido que idéias podem nos deixar doentes ou curar-nos; o eminente psiquiatra e hipnoterapeuta Dr. William S. Kroger tem dito que “sempre que a atenção está concentrada numa idéia várias e várias vezes, tende espontaneamente a se realizar”. Mas fica claro numa completa leitura no que pode ser chamado de “novas psicologias”, que os escritores estão pensando em termos de pensamento afetando o comportamento; e que é o comportamento mudando que leva à mudança das circunstâncias.

O conceito kahuna é decididamente diferente. Kristin Zambucka, um autor com um claro conhecimento de Huna, tem escrito que “é somente através de nossa consciência que Deus pode entrar neste mundo. Ele então se traduz em nossa experiência humana”. Deus, neste contexto, se refere ao deus-pessoal (*amakua*). Os kahunas ensinam que idéias geram circunstâncias, não meramente condicionam nossa experiência delas. Como você pode ver, isto tem uma profunda influência nos seus métodos de cura.

De acordo com o ensinamento kahuna, o Eu Superior cria as condições da vida pelas crenças pessoais e dentro das limitações gerais da realidade física. Um deus-pessoal interferirá com eventos trazidos pelos padrões de crenças pessoais somente quando esses padrões levarem à morte iminente, injúria ou situações que não se ajustam com o completo propósito da vida. Então você talvez experimente uma “miraculosa” anulação ou resolução da situação e, nesse sentido, ganhar uma nova chance.

Eu sinto que esta é a explicação para um notável incidente que aconteceu na África quando eu estava a caminho de um safari no Sahara. Eu estava no assento do passageiro da frente do meu Land Rover. Dois outros corredores estavam atrás e meu motorista estava andando em círculos. Já era noite e nós estávamos numa estrada de duas pistas atrás de um semi que estava indo abaixo da linha central. Meu motorista decidiu passar dirigindo meio afastado e lá estávamos nós, indo a 50 milhas por hora, quando os faróis dianteiros mostraram a estrutura de uma ponte de única pista. À esquerda estava uma longa queda para um rio; à direita estava o semi já começando a cruzar a ponte. Meu motorista girou o volante para a direita, dando um solavanco, e quando nós estávamos cruzando a ponte, adernamos através de um campo até bater numa árvore. Uma porta traseira veio abaixo e os outros passageiros caíram para fora, mas nenhum de nós teve um arranhão. O semi parou e no

meio do reboque estava um leve amassado que combinava com a altura e a cor do arranhão na quina do capô traseiro do Rover. Todas as indicações eram de que nós tínhamos cruzado a ponte ao mesmo tempo que o semi. Tirando as medidas, no entanto, nós concluímos que o semi somente deixaria sobrar na ponte três pés de cada lado. É uma crença kahuna que semelhantes “milagres” só acontecem se for um truque possível dentro das crenças dos indivíduos envolvidos.

MENTE CONSCIENTE (LONO)

A mente Lono ou self é a grosso modo análoga à “mente consciente” na psicologia. Este é o aspecto da mente que focaliza na realidade física, a analisa, a integra, e forma crenças, atitudes e opiniões sobre ela. É um receptor de informação sutil e grosseira de várias fontes e um diretor de ação. Como dirige, é claro, depende das crenças aceitas. Dependendo de como acredita em si mesmo como sendo incapaz, irá agir de acordo com esta crença. Os kahunas dizem que todas as convicções sobre a realidade são também aceitas ou estabelecidas pela mente consciente, e são então potencialmente disponíveis para serem examinadas em qualquer dado momento. Isso é essencialmente o mesmo que Freud descobriu: “a idéia patogênica... está sempre trapaceando pronta para cerrar o punho”, exceto que Freud se referia a memórias, e os kahunas se referem a crenças, das quais as memórias são somente representações. A idéia kahuna é também contrária ao modelo psicanalítico que implica que memórias e crenças que causam efeitos presentes estão escondidas da mente consciente.

Quando crenças sobre a realidade são aceitas pela mente consciente (Lono) como fatos inalteráveis, então para todos os propósitos práticos a mente não pode “vê-las” como crenças, e talvez então sentidas como sem solução em face de seus efeitos. Uma pessoa que aceita o “fato” de que tem uma doença incurável talvez sucumba à sua crença, mesmo que muitas outras tenham se curado com sucesso da mesma doença. A maioria das curas kahuna estão envolvidas em ajudar o Lono de um indivíduo a mudar sua visão dos fatos aparentes. Sentimentos e emoções são considerados pelos kahunas como sendo respostas energéticas ao estímulo dos padrões de crenças, e seus significados estão aí para informar a mente consciente de que crenças estão operando. Idealmente, Lono pode então escolher seguir as emoções diretamente, não responder a elas, ou redirecioná-las. Mas sem um entendimento de sua natureza, Lono provavelmente tratará os sentimentos e emoções em si mesmas como fatos sobre os quais não tem controle. Novamente, isto não é um conceito novo. Freud reconheceu que as idéias podem estimular sentimentos que podem ser convertidos através da supressão em sintomas físicos, e esta é a base fundamental da moderna medicina psicossomática. Maltz diz que uma emoção é “em sua natureza um sinal ou sintoma”, que ela é “como um termômetro que não causa o calor na sala mas o mede”.

Adicionalmente às faculdades de percepção, análise, integração e vontade, os kahunas atribuem à mente consciente a importante faculdade de imaginação criativa (laulele), segundo a qual você pode propositadamente imaginar uma condição que deseje fortemente experimentar como realidade física. É pelo uso desta faculdade que você pode conscientemente desenvolver novos dons, expandir sua percepção, resolver problemas, mudar crenças e direcionar energia. Os kahunas colocam grande stress no treinamento desta faculdade porque é tremendamente importante para dirigir as atividades do subconsciente (Ku) e no fornecimento de padrões para o Eu Superior. Carl Jung foi um dos primeiros psicólogos a enfatizar o uso da imaginação criativa, e isto está se tornando mais e mais popular com as pessoas percebendo seu potencial.

O SUBCONSCIENTE (KU)

O self Ku, ou “corpo mente” como talvez seja chamado, é algo análogo ao subconsciente na psicologia ocidental, mas uma analogia melhor pode ser a de um computador vivo imaterial. Maltz usa esta analogia, também, apesar de ele tender a igualar o subconsciente com o cérebro. Os kahunas preferem dizer que o cérebro é a expressão física ou ferramenta de Ku, mas esta distinção não parece Ter nenhuma consequência prática séria. Os kahunas usarão qualquer analogia que satisfaça seus propósitos e ajude no entendimento. No antigo Hawaii, Ku era comparado a um servo. Um kahuna moderno trabalhando numa sociedade industrializada é mais apto a usar a analogia do computador.

Essencialmente, as funções de Ku são manter a integridade do corpo e supervisionar sua operação,

receber percepções e transmiti-las à mente consciente, armazenar memórias; gerar, guardar, distribuir e transmitir energia, e seguir ordens. De fato, todas as funções desta parte da mente podem ser condensadas na última frase. Acima de tudo, como um bom servidor ou um computador, ela segue ordens. Ku responde a dois tipos de “programação”: instinto e hábito. Instinto, como definido aqui, se refere a todas as chamadas funções involuntárias do corpo como o crescimento, desenvolvimento, manutenção, e percepção ou transmissão sensorial ou “extra” sensorial. A idéia kahuna é que elas são programadas dentro de Ku pelo deus-pessoal (amakua) na época da concepção. Deste ponto de vista, a molécula de DNA seria uma expressão da programação e não uma causa. O hábito inclui todo comportamento programado dentro de Ku diretamente ou indiretamente, pela mente consciente (Lono). É um comportamento aprendido, como oposto do instintivo. Programação direta pode envolver a aplicação da vontade de Lono, como ao aprender a dirigir um carro; e programação indireta pode envolver aprendizado permitido, como a aceitação e incorporação do medo paterno de cobras, ou da chamada predisposição hereditária dirigida a um certo tipo de doença.

Nenhuma das acima citadas parece ter sérias chances com as novas psicologias; Maltz e Assagioli dão descrições muito similares deste aspecto da mente.

A compulsão direcionada à formação e manutenção dos hábitos é a maior característica de Ku. Sem esta compulsão você não poderia sobreviver, porque não seria apto a aprender e reter as técnicas de sobrevivência. De qualquer forma, hábitos podem inibir ou encorajar o crescimento e desenvolvimento da mente e do corpo; dependendo da sua natureza. Este fato forma a base das técnicas de modificação comportamental, embora os kahunas não concordem com a visão comportamentalista de que pensamentos podem ser explicados em termos de comportamento muscular implícito. Em vez disso, eles têm a visão de que todos os hábitos são mentais, e que respostas físicas são o resultado. Mesmo Maltz, descrevendo felicidade como um hábito mental, está realmente falando sobre hábitos emocionais. Para os kahunas, a distinção entre hábitos mentais, emocionais e físicos é importante, mas ela não é vista assim na psicologia ocidental moderna.

Continuando com a analogia do computador, nos termos kahuna pode ser dito que um programa corresponde à crença ou um grupo de crenças, e que um hábito é a trilha do programa, ou o que conduz uma crença. Todos os hábitos são baseados em uma ou mais crenças. Por um processo cooperativo entre a mente consciente e a subconsciente, várias crenças e hábitos estão organizados dentro de uma gestalt que se torna uma personalidade individual. Como mencionado, o aspecto Lono tem a capacidade de examinar estas crenças e mudá-las, através do engajamento e cooperação de Ku e de Amakua (Eu Superior) mudando hábitos, personalidade e circunstâncias.

O CORPO (KINO)

O corpo físico, Kino, é concebido pelos kahunas como uma forma-pensamento intensamente energizada. Isto fica evidente nas raízes da própria palavra:

Ki- emitir, um pacote (de pensamentos), força

Ki'i- imagem

Kia- concentrar o pensamento

Ino- muito, intensamente

No'o- pensamento

O corpo é organizado para ser uma idéia do Eu Superior expressa na forma física, modificado pelas crenças da mente e mantido pelo corpo-mente ou subconsciente. Ele é uma expressão do self, como uma pintura ou escultura é a expressão de um artista. O corpo é tanto um meio de projeção de idéias no mundo físico quanto um instrumento de feedback ideal para experimentar os efeitos dessas idéias. Seu estado de saúde, desenvolvimento físico, temperamento e sentimentos são todos expressões de idéias, e sujeitos a alterações por uma mudança no seu pensamento consciente. O conceito de corpo como uma forma-pensamento é bem esotérico, comparado com o pensamento psicológico moderno. Este último tende a tratar o corpo como uma entidade puramente material sujeita aos efeitos do pensamento, mas certamente não como sendo um efeito do pensamento. Assagioli, que fecha com o pensamento kahuna em muitos modos, considera o corpo em termos mecânicos. Ele ensina que o paciente deve se des-identificar com seu corpo e enfatiza que “ele é só um

instrumento”. Seu propósito é permitir ao paciente ou sujeito tornar-se perceptivo de si mesmo como um centro de consciência e se libertar da experiência interpretada somente em termos de sensações físicas e comportamento. WK tem opinião de que, mesmo que o procedimento possa ter efeitos benéficos temporariamente, ele engendra um falso senso de separação que pode inibir a obtenção de domínio sobre as funções corporais e diminuir o senso de responsabilidade pelo comportamento corporal. Como ele coloca: “É claro que você não precisa identificar-se somente com seu corpo; você é muito mais do que seu corpo. Mas ele é sua criação e este é o porque ele responde aos seus pensamentos”.

Relacionado ao corpo está o conceito do corpo etérico (aka). Aqui nós ficamos muito longe do centro da psicologia moderna e direto em suas bordas externas. Brevemente, o corpo aka é algo como um corpo invisível, duplicado, no mesmo espaço do corpo físico, e provendo o padrão essencial ao redor do qual o corpo físico é formado. O Kino Aka pode ser considerado como a forma-pensamento básica do Eu Superior (amakua), um tipo de projeto. A tendência natural do corpo-mente (Ku) é seguir este padrão, mas ele também tenta seguir o padrão da mente consciente (Lono), como representante das crenças aprendidas. Distorção, isto é, doença, resulta quando as idéias de Lono são diferentes e intensas o bastante para conflitar com o padrão básico. Os kahunas sentem que este é o porquê da existência deste padrão etérico básico que cura o corpo, pois sem semelhante padrão geral não haveria um guia para Ku fazer reparos. Eu tenho sido incapaz de encontrar qualquer coisa plausível na psicologia moderna ou na literatura médica relacionado aos meios pelos quais o corpo sabe como retornar ao estado de saúde.

FLUXO BIOLÓGICO DE ENERGIA

Os kahunas dizem que o meio pelo qual a mente afeta a matéria é *mana*, a força vital. Em termos de corpo físico, esta energia se manifesta tanto como um fluxo ou corrente, quanto como um campo. Uma analogia grosseira é a de uma corrente elétrica e o campo magnético que a envolve. O conhecimento das propriedades elétricas do corpo é considerado pelos kahunas como sub-produto da corrente e campo de mana. A principal fonte desta energia é o Eu Superior, que a provê de uma maneira inexplicável em termos estritamente físicos. A melhor analogia que eu posso fazer é a de “um buraco branco” no centro de seu ser através do qual a energia vem jorrando de um outro universo. Há também uma interação com campos e correntes do ambiente, primariamente através do que é comumente chamado de chakras na filosofia Yoga, ou pontos de acupuntura dos curadores chineses. Os pontos principais de interação ou intercâmbio são aqueles localizados ao longo da linha que percorre do períneo pela frente, e por trás do corpo até a fontanela, bem como outros nas mãos e pés. Adicionalmente, a força vital ou mana é absorvida do ambiente através da respiração e alimentação. Técnicas de aumento de seu suprimento de mana além do normal (acumulando uma “sobrecarga” como Long disse) são similares a outras abordagens encontradas no mundo, em outras palavras, respiração e exercícios especiais, alimentação de comidas e bebidas especiais, visualização, o uso de geradores de mana naturais ou feitos pelo homem como cristais e pirâmides, e o estímulo de pontos de intercâmbio. Também usada é a geração consciente de emoção.

A psicologia e medicina ocidentais parecem estar tendo um crescente interesse no conceito acima, e aumentando as pesquisas em andamento. No entanto, esse interesse não é realmente novo. Josef Breuer, um colega de Freud, escreveu longamente sobre “excitação tônica”, a transmissão de energia física através do sistema nervoso de modo comparável ao fluxo de eletricidade através de um fio. Wilhelm Reich, um outro colega de Freud, tinha o conceito da energia psíquica dentro do domínio da física, uma força mensurável. Suas pesquisas extensivas da “energia orgônica”, como ele chamava essa força, resultaram em instrumentos de cura (banidos para uso humano pelo FDA) e também levaram ao que hoje é chamado “terapia bioenergética”. Reich definitivamente reconheceu a ligação entre bioenergia (mana) e doença. Como ele disse de um paciente:

Seu medo de movimentar sua nuca existia bem antes do colapso da vértebra. Sem dúvida, sua maneira de sustentar a cabeça e nuca era somente parte de uma atitude biopsíquica geral que nós tivemos que entender não como o resultado mas como a causa de seu câncer.

Aparentemente, no entanto, Reich nunca chegou ao ponto de ver as crenças como a causa das emoções, ou no mínimo não diretamente. Reich listou doze propriedades da energia orgônica que nós também podemos

aplicar à bioenergia mana. Cinco das mais importantes são listadas a seguir:

1. Ela pode ser fundamentalmente diferente da energia eletromagnética e apesar disso relacionada a ela.
2. Ela pode existir na natureza morta independente de organismos vivos.
3. Ela pode permear e governar o organismo inteiro em vez de ser limitada por células nervosas individuais ou grupos de células.
4. Ela pode se manifestar na produção de calor.
5. Ela pode ser capaz de carregar a matéria viva; então, pode Ter um efeito vivificante.

Tendo construído e experimentado com um grande número de instrumentos de energia orgônica, e tendo trabalhado por muitos anos com várias formas de mana, eu posso dar minha opinião definitiva de que as duas são idênticas.

Maltz também fala de uma inespecífica força vital como sendo “o segredo da saúde”, mas aparte de umas poucas pessoas que prosseguem o trabalho de Reich, a maioria das atuais pesquisas do tipo-mana de energia estão sendo feitas por parapsicólogos trabalhando com curadores chamados psíquicos. Dra. Thelma Moss, uma psicóloga médica da UCLA que tem feito extensas pesquisas com esses curadores através do uso de fotografias Kirlian, sente que “há um fluxo de energia” vindo do curador que inicia e aumenta o sistema auto-reparador do próprio paciente. Todavia, o conceito de uma força vital manifestada como uma corrente e um campo parece estar fora do objetivo final da prática médica psicossomática no ocidente.

EMOÇÕES

Os kahunas consideram emoção como a sensação do movimento ou excitação de energia no corpo enquanto acompanhado por um pensamento particular, e as raízes de todas as palavras havaianas que se referem a emoções contêm esta idéia de movimento. É bem comum na psicologia ocidental discutir emoções em termos de fluxo de energia, pensando na energia como real ou não, mas para os kahunas é importante entender que uma emoção não é só um movimento de energia. Um movimento de energia pode ser sentido sem emoção. Para isso, correr bem rápido por poucos segundos, fará você sentir o movimento da energia formigando através do seu corpo, que não tem nada a ver com o que nós usualmente definimos como emoção. Para os kahunas, o que distingue a emoção é o pensamento associado, pois é o pensamento que faz a emoção ser o que é. Trabalhando com muitas pessoas eu descobri que elas têm dificuldade, se não impossibilidade, de dizer a diferença entre ansiedade e antecipação, ou irritação e entusiasmo, uma vez que os pensamentos e imagens associados estejam longe de ser claros. Na maioria da literatura psicológica ocidental que tenho estudado, os escritores falam de diferentes emoções e seus efeitos, mas eles tendem a igualar emoções com pensamentos ou por outro lado eles tendem a separar as emoções dos pensamentos.

De acordo com o ensinamento kahuna, uma emoção aparece quando uma crença ou complexo de crenças é estimulado por um evento interno ou externo, como um pensamento ou memória. Isto causa a descarga de uma corrente de energia através do corpo que atua como um portador para o conteúdo da crença, como a eletricidade vai através do fio do telefone podendo transportar o conteúdo de uma conversa. A mente consciente (Lono) percebe isto como um sentimento emocional, enquanto que ao mesmo tempo o subconsciente (Ku) coloca na emoção uma reação programada ou habitual à crença, a menos que seja dirigido de outra forma pela mente consciente (Lono). Um exemplo pode ser lembrar um insulto, ficando com raiva de novo, cerrando seu punho automaticamente e obtendo uma dor de cabeça. Parte do treinamento kahuna é concernente com ajudar a mente consciente a aprender como perceber emoções sem deixar o subconsciente se engajar na ação habitual. O que talvez pareça como controle emocional num bem treinado kahuna é realmente uma diretiva consciente de não seguir através de um padrão habitual, obtido pelo uso de relaxamento muscular para separar pensamento de ação (como será descrito). O treinamento também consiste em aprender a “ler” a informação contida na emoção de modo a descobrir a crença que é sua origem, se isto não for imediatamente aparente. Uma vez conhecida, o kahuna pode introduzir uma nova crença para cancelar a antiga e criar um hábito melhor para trocar pelo outro.

A intenção do kahuna é determinar o que acontece para descarregar a energia da própria emoção. Ele talvez a redirecione em um bom número de maneiras, mas a técnica mais comum é relaxar e permitir que

ela se dissipe. Visto que todas as emoções induzem a tensão muscular como uma preparação para a ação – mais facilmente notadas na bem conhecida resposta de “lutar ou fugir” – o relaxamento consciente dos músculos tem o efeito de interromper a reação habitual, dissociando então a energia do pensamento que a estimulou. Você pode experimentar isto por si mesmo relaxando seus músculos ao máximo possível e tentando ficar zangado, usando a memória ou quaisquer outros meios. Você perceberá que, tanto quanto seus músculos permanecerem relaxados, será psicologicamente impossível sentir raiva. Esta energia liberada é então automaticamente dispersada através do corpo e no campo circunvizinho. Se o kahuna quer usar a energia para um outro propósito, como uma cura, ele relaxará os músculos e então irá através de um processo, talvez visualização, transformar a energia em um outro padrão de resposta. Isto é muito parecido com o relaxamento e técnicas de imaginação propostos pelo Dr. William Kroger com a ajuda da hipnose. Outras técnicas que o kahuna pode usar são a simples atenção e vontade, controle da respiração, e o que pode ser chamado de “foco não julgador”. Este último é uma forma de concentração, percepção não analítica ou meditação que é bem reanimadora e fisicamente benéfica.

A NATUREZA E FORMAÇÃO DOS COMPLEXOS

Tem havido alguma discussão sobre crenças e complexos de crenças, mas agora eu vou abordá-las em grande detalhe e mostrar mais completamente a visão kahuna de como elas afetam a vida de um indivíduo.

Uma crença pode ser definida como qualquer idéia que você aceite como verdade – uma idéia que também valida ou não invalida a experiência pessoal. Os kahunas tratam crenças como padrões mais ou menos permanentes de pensamento, os quais são literalmente incorporados, isto é, colocados no corpo, e que governam ou influenciam todo o comportamento físico e mental. Com a exceção dos comportamentalistas, quase todos os psicólogos modernos admitem a importância das crenças como fatores que influenciam a saúde e a doença. Kroger enfatiza a necessidade de mudar ambos: atitudes e comportamentos, e Maltz diz sobre a auto-imagem que:

Uma vez que uma idéia ou crença sobre nós mesmos entre neste quadro ela se torna “verdade” tanto quanto nós pessoalmente estejamos concentrados. Nós não questionamos sua validade, mas prosseguimos agindo sob ela precisamente como se fosse verdade.

Para a maior parte, no entanto, a palavra crença é usada para designar toda a sorte de idéias, pensamentos, opiniões, atitudes, etc., sem qualquer tentativa de diferenciar crenças em termos de intensidade e efeitos que elas têm. Os kahunas fazem distinções precisas as quais eles sentem serem vitais para o processo de tratamento para mudanças positivas. Dr. Oyle fecha com a visão kahuna quando diz: “Uma idéia que carrega uma carga emocional de energia é chamada *opinião*. Uma *opinião* rigidamente cristalizada que carrega uma carga altamente emocional é chamada de *crença*”. Os kahunas vão até mais longe e dividem as crenças em três categorias: **concepções** (paulele), **atitudes** (kuana), e **opiniões** (mana’o). Estas traduções são somente aproximações usadas para o objetivo de discussão. Elas podem ser facilmente entendidas em suas diferenças se nós usarmos a analogia da água. Concepções podem ser consideradas como crenças que têm se tornado cristalizadas na consciência, como blocos de gelo. Elas lidam com generalizações sobre a vida e o eu e não são facilmente mudadas. Atitudes são crenças líquidas. Elas são mais facilmente mudadas, mas a mudança talvez envolva conflito emocional. Opiniões são gasosas, como vapor d’água, facilmente mudadas com pouca emoção. Este último tipo de crenças tem relativamente pouco efeito no comportamento habitual por si mesmas, então as discussões a seguir serão concentradas às duas primeiras categorias e o resultado dos complexos de crenças.

CONCEPÇÕES (PAULELE)

Paulele tem o significado de “confiança” e “parar de saltar ao redor”, implicando um estado ou condição de segurança. As concepções que as pessoas alimentam sobre si mesmas e sobre a vida em geral são consideradas pelos kahunas como a fundação na qual elas baseiam todo o seu comportamento. As concepções

providenciam um modelo através do qual a experiência é mensurada, testada e avaliada, e que determina a resposta à experiência. Como tal, elas providenciam um sentido de segurança, até quando a experiência é negativa. Concepções são absolutamente necessárias de modo a capacitar o funcionamento neste mundo, e a maioria delas são aprendidas cedo na vida através dos pais, parentes, amigos e figuras de autoridade. Uma criança tem que fazer concepções sobre a vida de modo a sobreviver, e uma das primeiras concepções feitas é a que os pais devem saber tudo sobre o que a vida é e então suas concepções devem ser válidas. Realmente, as crianças raramente aceitarão todas as concepções alimentadas pelos pais e outros, mas em vez disso irão pinçar e escolher por algum processo de decisão interno que ninguém pode conhecer totalmente. Numa dada família, uma criança pode aceitar uma crença paterna de que o mundo é um lugar perigoso. Outra criança na mesma família pode rejeitar isso e decidir que o mundo é um lugar amigável, mas aceitar a crença paterna de que alguns tipos de pessoa são inferiores. As concepções que são aceitas tornam-se programas que determinam o comportamento, tanto mental quanto físico, e elas também agem como panos de fundo do Eu Superior para formar a experiência.

Concepções entram através da mente consciente (Lono), o intérprete da experiência, apesar de normalmente estarem em um nível que pode ser chamado de “semi-consciente”. Os kahunas não têm um conceito equivalente ao “inconsciente” de Freud, porque para eles não há algo semelhante a não-percepção, meramente diferenciando os graus de percepção ou estados de atenção e desatenção.

Se uma concepção sobre a realidade não é conscientemente rejeitada, ou se não é diretamente conflitante com concepções existentes, então é aceita como verdade pelo indivíduo. Uma vez incorporadas, concepções são geralmente esquecidas, mesmo que continuem operando. Isto não significa que elas estão perdidas para a percepção consciente, mas somente que a mente Lono não está prestando muita atenção a elas. É algo como se esquecer da sua roupa de baixo durante o decorrer do dia, ainda que sempre seja possível para você lembrar dela. No caso das concepções, elas se tornam modos tão familiares de interpretação do mundo que são completamente dadas como garantidas. Os kahunas não aceitam a idéia de que a raiz das causas do comportamento estão enterradas no passado ou em alguma parte da mente acessível somente a pessoas experts treinados. Todas as crenças estão disponíveis conscientemente em algum momento, mas você não terá percepção delas se forem esquecidas ou se não olhar para elas por algum motivo. A mente consciente é como uma sala escura cheia de móveis, e a percepção consciente é como uma lanterna que pode revelar somente um número limitado de itens (crenças, memórias, pensamentos) de cada vez, mas a qual tem o potencial para iluminar qualquer coisa na sala. Se você usá-la para olhar numa direção, talvez você esqueça um objeto na prateleira atrás de si; você talvez tome o papel de parede como garantido e não olhe mais para ele; e você talvez tenha um desenho cheio de coisas assustadoras que nunca mais quer olhar de novo se puder. Algumas vezes um expert pode ajudar você a lembrar o que você esqueceu, ou ajudá-lo dando-lhe a coragem de olhar o que o assusta, mas ele não pode fazer nada que você não seja capaz de fazer por si mesmo.

Em um sentido, a mente subconsciente (Ku) é carregada de concepções incorporadas no seu sistema de memória e comportamento. Não há vontade envolvida aqui, meramente a urgência de seguir ordens como um computador. Uma concepção atua como diretiva principal e Ku somente pode obedecer no melhor de suas habilidades. Assagioli propõe a seguinte linha psicológica com a qual os kahunas discordam:

Todas as funções, e suas múltiplas combinações em complexos e subpersonalidades, adotam meios de obter seus objetivos sem nossa percepção, e independente de, e também contra, nossa vontade consciente.

A idéia de uma batalha de vontades entre o consciente e o subconsciente é considerada um conceito inválido pelo ensinamento kahuna. A única batalha é entre a vontade presente da mente consciente e os efeitos em andamento de suas vontades do passado.

ATITUDES (KUANA)

Se concepções são comparadas à fundação, então atitudes são a estrutura de construção nesta fundação. Atitudes também são chamadas “crenças competidoras”, porque elas se desenvolvem como meios de confrontar aspectos da experiência que não estão cobertos organizadamente pelas concepções. Elas são mais específicas

do que as concepções, e cobrem áreas obscuras da experiência onde alguma crença é necessária de modo a agir, mas a crença é ainda assim aberta a dúvidas. Por serem as atitudes menos seguras do que as concepções, as pessoas muitas vezes as defenderão com mais emoção. Quando elas são questionadas, uma pessoa é forçada a encarar a sua própria insegurança, e isto muitas vezes lhe dá a sensação de estar sendo atacada a ponto de requerer uma defesa emocional. Semelhante resistência a idéias ameaçadoras tem sido longamente notada por psicólogos ocidentais. Freud disse:

Tem sido indubitavelmente admitido no geral pelos psicólogos que a aceitação de uma nova idéia (aceitação no sentido de crença ou de reconhecimento como real) é dependente da natureza e inclinação das idéias já unidas ao ego.

Ele chegou a dizer que uma idéia incompatível com as existentes provocaria “uma força repelente cujo propósito era a defesa contra esta idéia incompatível”. Como você sabe, algumas das respostas mais emocionais ocorrem quando questões sobre raça, sexo, religião e política são levantadas, o que diz algo sobre a segurança das atitudes envolvidas.

Quando concepções são questionadas, no entanto, a reação é usualmente de surpresa de que algo tão óbvio possa ser questionado. Maltz descreve um caso semelhante deste modo: “Diga a um estudante que ele somente *pensa* que não é mestre em álgebra, e ele duvidará de sua sanidade”. Visto que raramente há uma reação fortemente emocional quando uma concepção é questionada, alguns kahunas curadores identificam atitudes e concepções pela reação à sua mudança, e modificam o tratamento de acordo com isso.

Atitudes derivam logicamente de concepções básicas, porque Ku é profundamente lógico. Aqueles que sentem que o subconsciente é irrazoável e ilógico sempre estarão incertos em como lidar com ele, mas quem reconhece que ele é lógico como um computador terá a chave da mudança criativa. Agora, uma vez que o subconsciente tenha incorporado uma concepção, ele criará atitudes lógicas baseadas nela de modo a se associar com a experiência direta, mas sempre as apresentará à mente consciente para alguma adaptação e aprovação antes de torná-las em comportamentos habituais. Dependendo de como sua mente trabalha, você talvez delibere por um longo tempo antes de aceitar a atitude, ou talvez você a aceite num piscar de olhos e prontamente a esqueça até que ela lhe traga problemas.

Atitudes são logicamente derivadas, mas nem todas usam o mesmo tipo de lógica. Abaixo estão algumas visões kahunas de como diferentes atitudes podem aparecer da mesma concepção básica. Em ambos os casos uma concepção dependente é também notada. Esta é uma concepção que você aceita como verdade sobre a vida, mas que é dependente da existência e aceitação da concepção básica.

Sujeito 1. Concepção Básica – Este é um mundo hostil. Concepção Dependente – A melhor proteção é a fuga. Atitudes Derivadas – Se este é um mundo hostil e a melhor proteção é a fuga, então: a) minha melhor proteção da hostilidade é evitá-la; b) eu devo deixar que os outros sigam seu caminho então não irei me ferir; c) eu devo esconder meus talentos e habilidades ou estarei aberto ao ataque; d) eu devo parecer frágil ou muito bacana para não incitar o ataque.

Sujeito 2. Concepção Básica – Este é um mundo hostil. Concepção Dependente – A melhor defesa é um bom ataque. Atitudes Derivadas – Se este é um mundo hostil e a melhor defesa é um bom ataque, então: a) minha melhor proteção contra a hostilidade é contra atacar imediatamente; b) eu devo ser forte o suficiente para me defender; c) eu nunca devo mostrar fraqueza; d) eu devo pegar o que quero antes que outros o façam.

É claro, os exemplos acima são simplificados para o propósito de ilustração. No entanto, eles podem ser vistos como variações de atitudes em dois sujeitos semelhantes que podem resultar em personalidades bem diferentes, até mesmo se eles dividem a mesma concepção básica sobre a vida. Suas atitudes podem também governar suas reações à doença, relacionamentos, objetivos e qualquer aspecto da vida. E suas concepções, dizem os kahunas, podem assegurar que eles encontrem uma grande quantidade de hostilidade. Se você pegar a “auto-imagem” como um conjunto de concepções, Maltz parece estar falando pelos kahunas quando diz:

A auto-imagem é um “premissa”, uma base, ou uma fundação sobre a qual sua personalidade inteira, seu comportamento, e até suas circunstâncias são construídas. Porque disto nossa experiência parece ratificar,

e através disso fortalecer nossa auto-imagem, e um círculo vicioso ou benéfico, como seja talvez o caso, está formado.

COMPLEXOS (HILINA'I)

Um complexo de crenças é um sistema de idéias associadas compostas por uma ou mais concepções e as atitudes que estão anexadas a elas. O termo kahuna para um complexo de crenças, hilina'i, pode ser traduzido como “um entrelaçado para tentar entender algo”. Na simbologia Huna, complexos são representados por entrelaçados, redes, teias de aranha e bosque de arbustos. Os dois primeiros são usados para complexos em geral, enquanto os dois últimos são normalmente reservados para complexos restritivos.

Na prática, as pessoas têm numerosos complexos que são necessários de modo a lidar com a vida. Isto é como dizer que você deve Ter crenças de modo a experimentar e lidar com qualquer coisa, e o que você experimenta e lida depende da natureza de suas crenças. Um complexo, em termos kahunas, pode ser positivo ou negativo, e a única maneira que você tem de saber é pelos efeitos em sua vida. Visto que um complexo consiste de todas as suas crenças sobre um assunto particular que é consistente com cada outro, há um problema real quando você tem dois complexos do mesmo assunto que estão em conflito.

Maxwell Maltz extraiu muito de sua inspiração da Psico-Cibernética de Prescott Lecky, um psicólogo que ensina que a personalidade é um sistema de idéias (crenças) que deve parecer consistente com cada outro que a pessoa possua. Idéias inconsistentes com este sistema são rejeitadas, não acreditadas, e não aceitas. Para o ponto de vista kahuna, isto está supersimplificado. Eles vêem a personalidade como um sistema de sistemas, um agrupamento de complexos, algo que talvez sim ou talvez não seja consistente com cada outro, porque eles são baseados em diferentes concepções aceitas de diferentes figuras de autoridade em diferentes épocas. Por exemplo, os dois sujeitos descritos na seção anterior mostraram a mesma concepção básica mas tiveram diferentes concepções dependentes, e estas levantaram diferentes atitudes. Agora, pode ser possível para uma pessoa Ter aceito uma daquelas concepções dependentes de sua mãe e outra diferente do seu pai. O resultado pode ser dois complexos separados em sério conflito, com resultantes distorções da personalidade e grande quantidade de infelicidade. Uma idéia que é inconsistente com todo um complexo pessoal será rejeitada, como Lecky propôs, mas uma idéia inconsistente com alguns complexos pode ser aceita por outros. Em casos extremos isto pode produzir uma “fenda na personalidade”, mas mais comumente isto simplesmente produz reações diferentes sob diferentes circunstâncias. Um exemplo disto pode ser um homem que tem uma personalidade “diferente” no trabalho, em casa ou no lazer. Cada uma destas situações despertará diferentes associações e reações de vários complexos dentro de sua personalidade total.

Infelizmente, parece que muitas pessoas têm números variáveis de concepções conflitantes e atitudes entrelaçadas juntas dentro de complexos restritivos ou negativos. Negativo aqui se refere a complexos de crenças que são inflexíveis, que não resolvem satisfatoriamente os problemas da vida do ponto de vista do indivíduo, e que estão em conflito com outras crenças. Um termo semelhante a um complexo é kuku, que significa “arbustos, espinhos, amontoados, estar em competição”. A duplicação da palavra Ku, o aspecto da mente encarregado de manter as crenças, dá uma conotação de um subconsciente que está trabalhando em excesso.

Os kahunas ensinam que complexos de crenças atuam como sistemas guia para o fluxo da força vital, mana. Onde há conflito, o fluxo é distorcido, e esta distorção pode levar a tensão aguda ou crônica a nível muscular, de órgão ou celular. Semelhante tensão pode levar à dor e doença, e esta é a base do ensinamento kahuna de que a origem de todas as doenças pode ser encontrada em idéias conflitantes. O termo genérico para doença no Hawaii é ma'i, significando “um estado de tensão ou restrição”, em outras palavras, stress. Alguns médicos e psicólogos definem stress como condições ambientais que requerem ajuste comportamental, mas para os kahunas isto é colocar a carroça na frente dos cavalos. Eles vêem o stress como uma reação interna às condições ambientais (incluindo pensamentos como parte do ambiente pessoal), por isso lhes parece notório que condições similares não causam reações similares em todas as pessoas.

FEEDBACK ECOLÓGICO

No ensinamento kahuna, complexos de crenças não afetam meramente pensamentos, emoções, reações e o corpo físico; eles também afetam o modo como você percebe o ambiente e até determinam o que o seu ambiente é. Um modo de olhar para isso é entender que você percebe de acordo com suas crenças, e o que quer que não esteja de acordo com elas é ignorado. No entanto, os kahunas adicionam uma dimensão esotérica a isto dizendo que suas crenças são canais através dos quais seu Eu Superior literalmente produz experiência. Então, um indivíduo completo – amakua, lono e ku combinados – forma sua própria experiência, a qual ele então percebe e reage. A aplicação prática kahuna deste conceito vem sob o título que eu tenho chamado “feedback ecológico”.

Feedback é um processo no qual o resultado modifica os fatores que produzem o resultado. Isto é como jogar tennis e ir vigiando onde a bola “quica” para então ajustar sua tacada e fazer uma “quicada” melhor na próxima vez. Ecologia é a interrelação dos organismos com seu ambiente. Feedback ecológico como eu o uso, descreve o processo pelo qual você se torna mais perceptivo de seu ambiente (incluindo seu corpo físico bem como suas vizinhanças) de modo a encontrar que tipos de crenças levam à formação desse ambiente. O termo equivalente Huna é *unuhi ao*, “interpretar o mundo acordado”. Uma vez que as crenças como raízes da experiência sejam conscientemente reconhecidas, elas podem ser mudadas se desejado, e então causar a mudança do ambiente. Este conceito, muito diferente do que é alimentado pela maioria dos psicólogos modernos, tem implicações de longo alcance.

Estudando suas doenças, por exemplo, você pode descobrir primeiro as atitudes e então as concepções que produzem os tipos de doenças que você tem tendência a ter. Numa primeira olhada isto não parece ser muito diferente de uma técnica usada por Freud trabalhando defesas através da associação cronológica de memórias para alcançar o que ele chamava de “núcleo patogênico”. Mas a diferença é profunda porque Freud trabalhava com as memórias de eventos e não com as crenças sobre os eventos. Quando você trabalha com crenças encobertas, memórias podem pular em qualquer ordem ou não.

Muitos psicólogos modernos e médicos definem certas doenças como psicossomáticas (causadas pela mente ou emoções) e outras como estritamente orgânicas (causadas por agentes externos ou fatores hereditários). Howard R. e Martha E. Lewis, autores de um livro chamado *Psicossomática*, escreveram que “pesquisas estão descobrindo que pessoas com certos traços característicos provavelmente irão sofrer de certas doenças”. Então eles colocam:

Excluídas da maioria das discussões de psicossomática, no entanto, estão condições estritamente semelhantes como hemofilia e anemia profunda. Também não consideradas na esfera da psicossomática estão doenças causadas por fatores ambientais como envenenamentos alimentares, doenças ocupacionais, e envenenamentos por poluentes. Por outro lado, é possível que em semelhantes casos o nível de debilidade possa ser causado pelo stress psíquico.

Os kahunas dirão que não somente o nível de debilidade, mas a atração da condição em si mesma é causada por stress psíquico. Eles reconhecem predisposições inerentes a certas doenças, mas mais em termos de crenças inerentes na memória celular, preferivelmente do que a inerência física. Para condições semelhantes a epidemias de gripe, WK tem chamado-as primariamente de “media-gênicas”, significando que elas são causadas mais pelo meio do que qualquer outra coisa. Sua explicação para o porque a infame “gripe suína” nunca alcançou proporções epidêmicas é que as pessoas não gostam do nome e não acreditam nela, porque pensavam que era politicamente inspirada. No ensinamento Huna todos os eventos experimentados, incluindo doença e acidente, se originam na mente.

Visto que muitas crenças são refletidas no corpo físico, os kahunas que se especializam nesta área prestam mais atenção a onde a doença se manifesta do que de que tipo ela é. Psicossomática moderna parece passar ao longo disso numa considerável extensão, e Reich notou que em seus dias a maioria dos cânceres ocorriam nas áreas genitais e erógenas do corpo. O ensinamento geral kahuna, como eu o aprendi, diz que conflitos de competência e comunicação se manifestam na cabeça, ombros, braços e mãos; conflitos de afetos, responsabilidade e auto-merecimento se manifestam na área entre o plexo solar e a nuca; conflitos de segurança e autoridade ocorrem entre o plexo solar e a parte superior das coxas; e conflitos relativos a suporte e progresso se manifestam nas pernas e pés. Usando este modelo, o corpo, como o resto do ambiente, pode ser

“lido” para revelar a origem das crenças. Feedback ecológico inclui prestar atenção a pensamentos recorrentes e devaneios, o conteúdo de padrões específicos da conversa, e emoções recorrentes, todos tendo significados que dão pistas das crenças. Alguns fatores são também usados no tratamento psicossomático moderno, mas a ênfase está mais na mudança de comportamento do que na mudança de crenças. Os kahunas dirão que mudar o comportamento é meramente um modo de reforçar a mudança das crenças, e que a própria mudança de comportamento depende de mudanças no pensamento.

Crenças são a base de toda a experiência, dizem os kahunas. Realidade não é objetiva, mas subjetiva. Kristin Zambucka, previamente mencionada, escreveu: “Uma atitude está sob nosso controle. Nós somos os criadores. Mude seus pensamentos e você mudará seu mundo”. Curiosamente, esta idéia kahuna de realidade como totalmente subjetiva tem sua contraparte na física moderna de partículas. Fritjof Capra, um físico que tem comparado a física moderna com a antiga filosofia Oriental Asiática, fala de uma teoria dos físicos de hoje deste modo:

As estruturas básicas do mundo físico são determinadas em última instância pelo modo que nós olhamos para esse mundo... (e isto) reflete a impossibilidade de separar o observador científico do fenômeno observado... em sua forma mais extrema isto implica em última instância que as estruturas e fenômenos que nós observamos na natureza não são nada mais do que criações de nossa mente avaliadora e categorizadora.

Todavia, como será visto no próximo capítulo, os kahunas são capazes de trabalhar com a crença na objetividade de modo a efetuar uma cura.

MÉTODOS DE CURA

Cura kahuna envolve o todo da pessoa – o Eu Superior, a mente consciente, o subconsciente e o corpo – e o ambiente da pessoa. Visto que sua proposta é trazer uma cura e não provar um método particular, ela é adaptada às necessidades do indivíduo. O mesmo kahuna pode usar métodos bem diferentes para tratar duas pessoas com sintomas idênticos porque suas crenças podem ser bem diferentes. E crenças, de acordo com o Huna, são a raiz de toda doença.

A idéia kahuna de trabalhar com crenças para iniciar a cura está refletida no termo geral havaiano para saúde e cura, *ola*. Esta pequena palavra, que tem muito mais significados todos relacionados ao melhoramento total da vida, é talvez melhor traduzida como *esclarecimento* (o – entrar; la – luz, um símbolo de compreensão e poder). Sintomas específicos são tratados como parte de um completo processo de cura porque são reconhecidos como meramente servindo de máscara da causa verdadeira da doença. A palavra havaiana para sintoma é *ouli* (ou – hide; li – emoções semelhantes ao medo e raiva). De alguma forma os kahunas reconheceram muito cedo o que a psicossomática moderna chama de reação de conversão e o que Freud chamou de histeria, ou a conversão de uma condição emocional como raiva em um sintoma físico como uma enxaqueca. A diferença é que os kahunas consideram todos os sintomas como alguma forma de reação de conversão, até o ponto de incluir circunstâncias pessoais como tendência a acidentes, pobreza e solidão.

Dizer que o trabalho com as crenças é a fundação de toda terapia de sucesso é quase o equivalente a dizer o que é a hipnose é, definindo este termo muito genericamente para incluir a idéia de aceitação de sugestão em todos os níveis. Como Jay Haley, em seu livro “Terapia Não Convencional” diz: “A influência da hipnose sobre todas as formas de terapia não tem sido totalmente apreciada. Pode ser argumentado que a maioria das abordagens terapêuticas têm suas origens nesta arte”. Num certo sentido, pode ser dito que todos os métodos de cura kahuna são baseados na sugestão hipnótica – entendidos como a mudança de crenças – e que todos os métodos não-hipnóticos usados por eles são meramente dirigidos a facilitar este processo.

TERAPIA ESTRATÉGICA

A abordagem segundo a qual os terapeutas iniciam o tratamento baseados nas necessidades particulares do paciente tem sido chamada de “terapia estratégica” por Haley no que escreveu sobre as técnicas psiquiátricas do Dr. Milton Erickson, autor de numerosos artigos de hipnoterapia e um dos mais extraordinários praticantes desta arte. “Terapia pode ser chamada de estratégica”, diz Haley, “se o clínico introduz o que acontece durante a terapia e desenha uma abordagem particular para cada problema”. Não é conhecido há quanto tempo os kahunas têm usado esta abordagem, mas WK afirma que tem sido por séculos. Falando para o ocidente, Haley diz que ela só começou a se proliferar no meio deste século.

Os métodos estratégicos de cura kahuna podem ser classificados genericamente sob os títulos de Abordagem Material, Abordagem Energética, e Abordagem Mental. O modo pelo qual eles são aplicados e combinados depende da natureza da doença e do sistema de crenças do paciente. Os kahunas sempre trabalharão dentro do sistema de crenças do paciente, porque fazendo de outra forma trariam resistência ao processo de cura. Uma pessoa que acredita firmemente no tratamento médico será tratada conforme antes ou durante, com métodos que irão fechar a causa, como os psiquiatras modernos fazem muitas vezes. Uma pessoa que acredita firmemente em maldições será tratada neste primeiro nível, apesar dos praticantes ocidentais provavelmente não o fazerem. Ainda, a percepção do valor da abordagem de alguns terapeutas modernos é feita claramente em um enunciado de Kroger: “Nós estamos bem conscientes de que a fé numa cura específica leva ao sucesso desta cura!”.

A ABORDAGEM MATERIAL

Isto inclui o uso da medicina, dieta, ritual, amuletos, e qualquer outra coisa que envolva a introdução de um objeto ou evento formal no processo de cura. Há duas bases lógicas para esta abordagem. Uma é o fato de que, a maior parte das pessoas traz suas crenças sobre a matéria ou eventos externos como mais real do que o pensamento. Os kahunas devolvem esta crença em uma ferramenta para ajudar a cura. A Segunda base é o fato de que certas medicinas, alimentos e objetos energizados realmente interagem com o metabolismo do corpo.

Muito mais do que outras abordagens, esta é altamente dependente da aceitação da autoridade do curador pelo paciente. WK diz que a medicina moderna é primariamente a fé na cura. A razão para que os médicos tenham tanto sucesso quanto têm, sem levar em consideração que tipo de tratamento eles dão, é porque sua habilidade e conhecimento são muito confiáveis. Este é o porque dos placebos serem tão eficazes. Se o paciente acredita fortemente o bastante na autoridade e habilidade do curador, ele pode curar a si mesmo até sem uma medicina “real”.

MEDICINA

Os kahunas têm uma visão não ortodoxa distinta dos efeitos da medicina, baseada em sua idéia de que doença não é causada por bactérias, viroses ou agentes carcinogênicos, mas pela tensão resultante dos conflitos de pensamento e energia emocional. Epidemias, de acordo com esta visão, são causadas por reações individuais à telepatia social, e não pela difusão ou infecção por fatores externos. Ainda que Reich não tenha mencionado a telepatia como um fator na doença, ele alimentava a opinião de que os efeitos da infecção se originavam dentro do indivíduo como um resultado de tensão aguda ou crônica. Depois de examinar algumas das inconsistências nas teorias correntes de infecção no seu tempo, Reich disse: “Se esta questão for pensada cuidadosamente, a inutilidade científica da teoria do germe aéreo terá de ser admitida”. Deixe-me enfatizar que os kahunas não afirmam que germes ou micróbios não existem, mas somente que eles catalizadores ou co-produtores da doença, e não sua causa. Se não houvesse medo ou tensão indevida nas pessoas, não haveria doença, sem levar em conta a presença de bactérias ou vírus associados com a doença.

Uma palavra aqui sobre as epidemias de varíola, sarampo e doenças venéreas que cedo ceifaram a população do Hawaii logo após a vinda dos Europeus e Americanos. De acordo com a visão kahuna, isto foi o resultado de infecção por idéias mais do que por micróbios. Nesta época os kahunas dominantes tinham perdido a maioria do seu conhecimento de cura, os médicos de Lono e herbalistas eram poucos e divididos, a estrutura religiosa e legal dos havaianos estava uma bagunça, e os estrangeiros vieram com incríveis exibições de poder material e conhecimento acompanhado de igualmente fortes crenças sobre culpa e pecado. Pequenas maravilhas a que muitos havaianos sucumbiram e poucos kahunas puderam ajudar.

A crença kahuna de que a doença é resultado da tensão é sustentada nas raízes do termo Huna para medicina e tratamento médico, *la'au lapa'au*. Este termo claramente indica que os kahunas se posicionam em que a função da medicina é estimular um excitação de fluxo de energia no corpo, o qual irá ajudar na quebra da doença induzida pela tensão. Por esta razão, os kahunas definem a medicina mais genericamente do que no ocidente. Somado às químicas e ervas, eles incluem partes de peixes, animais e plantas cujos nomes, natureza ou aparência significam características de cura. Luzes coloridas, vestuários e objetos são usados também para efeitos psicológicos e fisiológicos. Lulas podem ser usadas porque seu nome havaiano (*he'e*) tem a conotação de fuga da doença; carne de porco pode ser usada porque uma conotação similar na palavra havaiana lembra a palavra para porco; cana de açúcar (*ko-kea*) pode ser usado porque o nome significa “ter sucesso tornando algo claro”; e um objeto vermelho pode ser usado porque a cor vermelha, uma cor sagrada, está associada com sangue e poder divino ou mana. Somado a estes efeitos psicológicos no subconsciente, os kahunas apreciam os efeitos físicos de certos ingredientes, mas somente para estimulação energética ou efeito de relaxamento muscular, não pela sua habilidade de “atacar” qualquer coisa supostamente invasora do corpo. Esta última é o produto de uma sociedade com crenças amedrontadoras sobre a realidade.

WK tem mencionado uma forma da medicina havaiana kahuna que eu acredito ser digna de mais investigação. Provavelmente a melhor tradução para isto seria “aromaterapia”. Este termo tem sido usado no ocidente mas primariamente se refere ao uso de essências de flores a serem aplicadas como pomadas ou de uso interno, como nos remédios florais de Bach, desenvolvidos por Edward Bach, M.D. O uso kahuna

envolve inalação direta de fragrâncias e assume que a essência do material sendo inalada irá imediatamente para a circulação sanguínea via pulmões e atuará mais rapidamente do que algo ingerido ou colocado na pele. Embora o incenso e perfume sejam usados no ocidente e oriente para criar humores e influenciar emoções numa certa extensão, eu não tenho descoberto muito no caminho do uso direto do aroma na medicina, comparável à idéia kahuna, exceto pelo uso de inalantes para resolver congestão respiratória. No entanto, eu vi um comentário de um ensaísta francês Michel Eyquem de Montaigne que escreveu no século dezesseis:

Físicos podem (na minha opinião) delinear mais e melhores usos dos odores do que têm feito. Eu mesmo tenho muitas vezes percebido, que de acordo com sua força e qualidade, eles mudam e alteram, e movem meu espírito, e trabalham estranhos efeitos em mim.

Uma outra forma comumente usada de “medicina” preferida pelos kahunas é simplesmente água, infundida pelos kahunas com mana e acompanhada de formas-pensamento. Tipicamente, um kahuna faz isto focalizando mana saindo de suas mãos ou respiração para dentro da água enquanto se concentra numa imagem de cura. Naturalmente isto é mais eficaz quando o paciente está sabendo o que a água fará por ele, mas o efeito é maior quando a água é “carregada” do que quando não é, sem levar em conta se o paciente testemunhou a energização. Isto é definido exteriormente na esfera da ortodoxia ocidental, que provavelmente afirmará que a água pode atuar mais como um placebo do que qualquer outra coisa. Todavia, Charles panati, um escritor de parapsicologia, disse que os experimentos realizados pelo bioquímico Justa Smith com um curador parecem mostrar conclusivamente que um tipo de energia transmitida das mãos do curador realmente modificam as soluções de enzimas. O mesmo curador foi testado sob condições muito restritas pelo Dr. Bernard Graf da Universidade McGill no Canadá. O curador meramente segurou frascos entre suas mãos por um período de um dia. Plantas molhadas com a água contida nesses frascos cresceram significativamente melhor do que os grupos de controle. Um modo fácil de carregar a água para beber bem como para a saúde é deixar uma garrafa dela diretamente no sol por uma hora ou mais, como as pessoas fazem o “chá do sol”. Eu tenho experiência de que isso funciona, apesar de não ter um grupo de controle para corroboração. Eu usei água carregada como esta numa garrafa verde para dois pastores alemães que estavam morrendo porque não conseguiam engolir nenhum tipo de comida. Em duas semanas eles estavam felizes e saudáveis.

DIETA

É dada importância à dieta pelos kahunas porque é percebido que os tipos de comida que você ingere habitualmente refletem seu estado mental. Mudando sua dieta, então, ajudará a mudar seu estado mental. Uma vez eu ia fazer uma refeição com amigos quando um me perguntou: “O que os kahunas comem?” Com um sorriso eu respondi, “Qualquer coisa que eles queiram”. Eu menciono isso porque os kahunas como um grupo não seguem ou recomendam para uso geral nenhum tipo especial de dieta. Alguns são vegetarianos e alguns comem carne, e eu suspeito que alguns não comem muito de qualquer coisa. Como um grande kahuna disse, “Não é o que vai dentro da boca de um homem que o define, mas o que vem para fora dela”. De qualquer forma, os kahunas recomendam principalmente abundância de “víveres” ou comida fresca, frutos crus e vegetais, porque são tidos como contendo mais mana. Como uma matéria de fato, as raízes dos significados da palavra havaiana para comida, ‘ai, juntam-se diretamente a mana, e as raízes da palavra kahuna incluem a idéia de ser um cozinheiro, quem prepara e divide poder com os outros. Num livro de June Gutmanis sobre doutores herbais kahunas, é notado que o terapeuta kahuna preparou a refeição curadora.

A carência de vitaminas e minerais no corpo de uma pessoa não é pensada como ser causada por uma dieta inadequada, mas por certos tipos de pensamento que resultam em desbalanço no metabolismo corporal. O uso de suplementos ajuda a restaurar o equilíbrio corporal temporariamente, o qual dá à pessoa a oportunidade de fortalecer seu pensamento. Os kahunas ensinam que quanto mais saudável é sua mente, mais você será capaz de auto-gerar todas as suas necessidades de vitaminas e minerais, não importando a sua dieta.

Na tradição médica ocidental, dieta é usada como uma ferramenta importante para controlar o peso, mas com os kahunas a dieta pode representar uma pequena função em semelhante tratamento. O kahuna estará muito mais concentrado na atitude da pessoa sobre si mesma e seu peso, e se o peso interfere ou não com sua eficácia na vida. Não há nada errado em estar “acima do peso” ou “abaixo do peso” na visão kahuna, visto que

esses termos somente têm significado em relação a algum padrão social arbitrário. Uma pessoa gorda pode ser tão saudável, feliz e eficaz quanto uma magra. Não é o peso em si mesmo que importa tanto quanto o possível uso do peso para auto-punição, afastando relacionamentos, como uma substituição da afeição, uma ocultação da expressão emocional, etc. Em geral, a visão kahuna é que o estar “acima” ou “abaixo” do peso de acordo com a avaliação social não é algo a ser tratado, a menos que seja também um sintoma de conflito interno. E então é o pensamento e comportamento que precisam receber a maior atenção. Uma vez que isto seja cuidado, o corpo irá se ajustar por si mesmo.

Jejum não é uma parte da tradição de cura havaiana, mas tem sido usado pelos kahunas em outros lugares. WK tem o seguinte comentário para fazer sobre isso: *“Normalmente, o corpo opera com energia suprida pelo alimento e ar que você obtém diariamente. No jejum, o corpo deve começar a operar com suas reservas de energia. Estas são normalmente pensadas em termos de gordura armazenada e proteína, mas energia é também armazenada em forma de tensão muscular crônica. Durante o jejum esta energia de tensão é chamada para ajudar na operação corporal. Visto que as áreas de tensão estão intimamente conectadas aos conflitos de crenças, eles emergirão conforme a energia é utilizada e a tensão é aliviada. Isto muitas vezes é acompanhado por um alívio de catarse emocional e eliminação dramática de sintomas de doença. Jejum, quando é usado como uma ferramenta, não é feito para “purificação” do corpo, mas como um meio de expor e drenar a energia de complexos profundamente arraigados. Até então, ele é somente um degrau no processo de tratamento, pois sem uma mudança no pensamento os benefícios do jejum serão temporários”*.

Em meus estudos de literatura relacionada, só Reich tem qualquer coisa específica para dizer sobre o alívio catártico emocional combinado ao alívio da tensão muscular crônica, mas para seus pacientes isto era trazido pela massagem e/ou o uso de campo de energia orgônica. Tanto quanto eu sei, a visão kahuna dos efeitos do jejum é única.

RITUAL

O ritual tem uma importante função em muitas práticas de cura, entre os kahunas ou médicos modernos. Ele inclui tudo na situação de cura que não tenha efeito direto na cura, mas que sirva para convencer o paciente que a coisa certa está sendo feita pela pessoa certa. Então, um ritual neste sentido pode incluir qualquer coisa, desde uma dança ou cântico kahuna antigo enquanto se esfrega o paciente com folhas de *ti*, até o jaleco branco de um médico moderno sentado num escritório cheio de símbolos de sucesso e calmamente falando ao paciente que ele sabe exatamente o que fazer. O ritual ajuda a estabelecer confiança na autoridade, e esta ajuda abre a mente do paciente para o processo de cura. Outras formas de ritual usadas no ocidente são a hipnose formal, meditação e sessões de terapia de grupo. É claro, o ritual pode também ser ativado pelo curador de modo a convencer seu próprio subconsciente que ele tem o poder para curar.

OBJETOS CARREGADOS

Objetos que os kahunas consideram ser fortes emissores de mana são frequentemente usados porque a introdução de mais mana no corpo de qualquer origem muitas vezes atua para aliviar a tensão, bem como os sintomas. Os kahunas sentem que podem pessoalmente carregar um objeto com seu próprio mana para este propósito, e Long descreve isto largamente ao longo de seus relatos de experimentos para demonstrar sua validade. Na praia de Waikiki próximo do Hotel Surfrider, há quatro “pedras de cura” que a lenda local diz estarem cheias de mana pela partida dos kahunas Taitianos há séculos atrás. De qualquer modo, os kahunas também fazem uso de fontes naturais de mana como pedras e cristais, certas madeiras, e lugares especiais onde o mana é supostamente mais abundante. Em *Nana I Ke Kumu*, Mary K. Pukui, uma dama havaiana com rico conhecimento da doutrina havaiana, diz que “Na crença havaiana, mana pode ser emitido por uma rocha, dos ossos de um morto, da medicina que cura ou da poção que mata”. Uma das madeiras favoritas de cura é o ébano, chamado *lama* no Hawaii. O dicionário havaiano Pukui-Elbert tem o que dizer sobre isso: “Madeira lama é usada na medicina e colocada nos altares de hula porque seu nome sugere iluminação; cabanas são

construídas em madeira lama num único dia durante as horas de luz (lama), e o doente é colocado dentro delas para a cura”.

É impossível, é claro, separar completamente o efeito da medicina, dieta, e objetos carregados da reação do paciente ao ambiente ou ritual e da autoridade do curador, mas os kahunas não estão interessados em semelhantes distinções tanto quanto haja um efeito benéfico. Este é um ponto de diferença radical entre o kahuna e muitas abordagens ocidentais de cura. Os praticantes ortodoxos ocidentais preferem descartar ou proibir qualquer método de tratamento que não se ajuste dentro de uma relativamente estreita linha de aceitabilidade. Por exemplo, a visão Skinneriana ainda prevalece entre os psiquiatras e médicos ortodoxos: “Visto que eventos mentais e físicos são expressos pela carência da dimensão das ciências físicas, nós temos uma razão adicional para rejeitá-los”. E Oyle, um médico, diz: “A maioria dos meus colegas acredita até esta data que no espaço onde os órgãos do corpo supostamente estão, há somente matéria”. Naturalmente, semelhante visão limita drasticamente os tipos de tratamento que serão aceitos e permitidos. Isto faz sentido quando uma forma particular de tratamento representa um dano real ao paciente, mas muitos métodos tão banidos não entram nesta categoria. Pode parecer que eles são banidos por não serem parte da tradição aceita, e nenhuma aplicação bem sucedida é descontada. E isto ocorre a despeito de muitos métodos aceitos terem efeitos danosos. Oyle reporta que o FDA “anunciou que quinze pessoas teriam sido mortas pela Clindamicina e Lincomicina as quais muitas vezes são prescritas por médicos para o tratamento de acne e resfriado comum”. Ele também reporta que sua clínica bem sucedida sem drogas e sem cirurgias foi fechada simplesmente porque era muito não ortodoxa. As instituições ocidentais parecem enfatizar preferivelmente métodos a resultados, e métodos não ortodoxos são normalmente rigorosamente afastados e algumas vezes emocionalmente atacados. Reich, cujos livros foram banidos e *queimados* pelo governo americano em 1950, chamou esta atitude de “praga emocional”. Em contraste, os kahunas usarão qualquer método que funcione, tanto quanto seus efeitos colaterais não sejam sérios. Sua ênfase é nos resultados e eles sabem que métodos são sempre secundários às crenças.

A ABORDAGEM ENERGÉTICA

Esta abordagem pega três formas que podem ser chamadas de manipulação física, de corrente e de campo, ainda que suas fronteiras em detalhes pareçam ser usadas simultaneamente pelo kahuna. Todas têm o propósito de alívio de energia bloqueada por tensão, estimulação do fluxo de bionergia para promover a auto-cura, e sugestões reforçadoras da saúde dadas pelo curador.

MANIPULAÇÃO FÍSICA

Há três subdivisões desta forma de estimulação da energia: lomi, lua e hula.

1. **Lomi** é uma técnica de massagem direta aplicada aos músculos que estão em um estado de tensão crônica ou aguda. É normalmente feita com as mãos como a massagem sueca, mas no velho Hawaii uma haste especialmente esculpida era usada para aprofundar a massagem. Uma variação é ‘a’e, referindo-se ao modo de massagem nas costas feito com os pés.

2. **Lua** é uma forma de combate mão-a-mão como o karatê, também praticada por esporte, exercício e como um meio de descarregar tensão emocional. Uma tradução da raiz da palavra é “derrubar completamente a tristeza”.

3. **Hula** é geralmente pensada no ocidente como nada mais que uma graciosa forma de dança polinésia, mas o entretenimento moderno é baseado no antigo sistema de iluminação do corpo e desenvolvimento espiritual. Uma raiz do significado da palavra é “levantar o fogo sagrado”, uma referência ao fluxo de energia como no Kundaliní Yoga. Até na sua forma presente os movimentos da perna, coxa e parte superior do corpo são conduzidos para aliviar blocos musculares de tensão. Um efeito similar é obtido pelo antigo *T’ai Ch’i Ch’uan* chinês e dança moderna aeróbica, apesar de métodos diferentes.

Há duas formas principais de manipulação de corrente usadas pelos kahunas, ambas baseadas na idéia de que o mana flui como uma corrente no corpo.

1. **Kaomi** é uma técnica similar à acupressura e consiste na aplicação descendente de pressão em pontos especiais no corpo. O bastão usado em Lomi é usado às vezes em Kaomi também, mas é mais comum usar os dedos ou a base da mão. Em casos de bloqueio, o paciente pode sentir uma dor aguda como uma picada de agulha quando a pressão é aplicada. Qualquer um que tenha experimentado reflexologia, um tipo de massagem nos pés, saberá o que estou dizendo. Algumas vezes o alívio do sintoma é imediato e outras vezes vários tratamentos iguais são requeridos, dependendo de quão crônica tem sido a condição e quão medroso quanto à mudança o paciente é. O conceito é que a pressão estimula e aumenta a interação entre o ponto de pressão e o mana no ambiente ou nas mãos do curador, o que resulta num fluxo aumentado que atua quebrando a tensão.

2. **Kahi** é uma técnica de aplicação de suave pressão nas áreas de tensão ou tocar ligeiramente a área com a mão aberta. Para um observador, à primeira vista pode parecer como “imposição de mãos” praticada por alguns evangélicos e enfermeiros modernos no ocidente que usam o “toque terapêutico”; enquanto que um segundo olhar pode ser mais cuidadoso. O segredo da eficácia desta técnica em aliviar sintomas é a quantidade de mana emitida pelas mãos do curador. Esta técnica pode ser usada por qualquer pessoa porque todos nós emitimos mana, mas quanto mais mana emitido, mais eficaz ela é. Para aumentar a emissão, um kahuna pode usar visualização, um esfregar vigoroso das palmas das mãos, ou especialmente uma emoção positiva como amor. Não é acidental que uma variação da palavra, kahiau, signifique “dar generosamente ou abundantemente com o coração e sem expectativa de retorno”.

MANIPULAÇÃO DE CAMPO

Este método, algumas vezes chamado de manamana, lembra o Kahi na aparência, exceto que as mãos do curador não tocam o paciente. Em vez disso, elas são geralmente deixadas a poucos centímetros a um palmo distantes da pele ou vestimenta. O curador fabricará um suprimento extra de mana em si mesmo através de várias técnicas já descritas e transfere isto ao campo do paciente por meio de suas mãos, sua vontade e sua imaginação. A idéia aqui é que um tipo de efeito de indução tem lugar, no qual o fluxo do curador carrega o campo do paciente, induzindo um fluxo de corrente no corpo do paciente.

Uma variação usual algumas vezes usada é descarregar o campo do paciente, o que também parece induzir um fluxo de corrente. Falando de um modo geral, carregamento é mais usado em casos de fadiga, depressão e injúria, enquanto o descarregamento é mais usado quando a hipertensão, ansiedade e inflamações estão presentes. Os efeitos subjetivos do carregamento ou descarregamento podem variar consideravelmente, até quando o paciente não percebe o que o curador está fazendo. Na manipulação de campo, o paciente frequentemente reporta sensações de calor, formigamento e/ou movimento interior ou alívio. Quase sempre, o kahuna usará sugestão verbal ou telepática para ajudar o processo. Por este método de tratamento ser imaterial, ele está fora do sistema ortodoxo ocidental. No entanto, o toque terapêutico, uma técnica moderna similar a este método kahuna, está sendo crescentemente aceita em hospitais onde enfermeiras o usam somado à terapia ortodoxa. É ensinada na escola de graduação de uma universidade superior que é líder no treinamento de enfermeiras, e workshops dela são feitos em hospitais por todo o país e em outros países. Eu tenho também ouvido um certo número de médicos mencionarem privadamente que eles ou alguém conhecido deles tem e usa esta habilidade mas que têm receio de deixar seus pacientes saberem sobre isso. Até Wilhelm Reich, que era dificilmente ortodoxo, nunca escreveu sobre este método, mas numa conversa pessoal com um antigo colega seu, disse que estava presente em uma ocasião quando Reich aparentemente usou um método semelhante para curar um bebê.

Eu gostaria de finalizar esta seção com apenas uma palavra sobre os supostos efeitos deste tipo de cura na saúde. Eu tenho encontrado bem poucos “curadores psíquicos” que reportam se sentirem completamente exaustos depois de fazer um número de curas usando suas mãos. De meus estudos kahunas eu tenho aprendido que isto acontece porque eles estão tentando usar sua própria energia pessoal e não fabricando um suprimento extra antecipadamente ou, até melhor, permitindo que a energia flua através deles em vez de a partir deles. Também, eles podem estar subconscientemente resistindo ao processo ou à grande carga do paciente ou seja o que for, causando tensão muscular que resultará em fadiga. Qualquer um que cure no modo kahuna terminará

se sentindo até melhor do que quando começou. Um outro suposto efeito adverso é o de que o curador “pegue” a doença do paciente através do campo de energia. Eu tenho visto (e usado) modos muito simples e elaborados de afastar isso. Eu tenho aprendido, de qualquer forma, que a doença não está no campo de energia mas nos pensamentos do paciente, e um curador pode pegar a doença somente se estiver aberto a esses pensamentos. Alguns curadores fazem pequenos rituais semelhantes a sacudir seus dedos para limpá-los ou descarregar a energia do paciente. O único propósito disto é convencer o subconsciente do curador que ele está a salvo. Não há nada errado nisto, mas se você acreditar a fundo que não pode ser afetado, então não será, com ou sem o ritual.

A ABORDAGEM MENTAL

Este método ensina ao paciente como usar sua mente mais efetivamente, mas não como uma tentativa de controle mental pelo curador. Este é o mais importante método no repertório de cura dos kahunas e é considerado como o núcleo de toda a cura, visto que toda a experiência é um reflexo do pensamento.

Para o propósito de discussão, o esquema desta abordagem é apresentado como degraus num processo, mas poderia ser entendido que a atual prática de aplicação das etapas não é diferente da dada aqui. O processo de ensinar uma pessoa a como se encarregar de seu próprio pensamento e saúde é baseada num processo de treinamento quatro etapas que o próprio kahuna experimenta.

PERCEPÇÃO DOS PENSAMENTOS (Ike)

Se você vai conscientemente mudar suas atitudes e concepções, você primeiro deve se conscientizar delas. Isto pode soar óbvio, mas a maior parte das pessoas prestam pouca atenção ao que pensam e dizem em termos de efeitos potenciais disso em suas vidas. Então, no início do tratamento, um kahuna pode ajudar o paciente a se tornar perceptivo de seus padrões habituais de fala, diálogo interno e temas imaginados. Atenção a sentimentos recorrentes, sonhos e condições externas também podem ser encorajados. Dando sua atenção a estes fatores, o paciente começa a perceber como tem reforçado suas circunstâncias indesejáveis.

Um paciente que costuma suprimir pensamentos indesejáveis pode precisar de considerável assistência no início da atenção consciente, como muitos psicólogos e psiquiatras têm descoberto. Uma técnica que os kahunas usam para ajudar este processo é imaginação dirigida, a simulação de imaginação *makaku*. *Makaku* é traduzido como “originado em Ku” e se refere a imaginação espontânea ou simulada que revela padrões de crenças. Como eu tenho mencionado previamente, isto está se tornando mais e mais popular no ocidente.

Ocasionalmente, como algumas vezes acontece na psicanálise, a mera percepção de hábitos indesejáveis de pensamento ou fala será o bastante para causar mudanças imediatas no pensamento do paciente, com os benefícios resultantes no corpo ou circunstâncias. Mas muitas vezes a percepção não produz nenhuma mudança. Os kahunas ensinam que isto é porque toda experiência em andamento é mantida por hábitos, e a percepção sozinha não muda um hábito. O único modo de mudar um hábito é trocá-lo por outro hábito, o que leva à próxima etapa.

ESTABELECENDO METAS (Makia)

As metas aqui significam incluir o desenvolvimento de novas crenças e hábitos e também organizar planos para o futuro. O paciente é ajudado no desenvolvimento de uma clara idéia de que tipo de saúde, personalidade e ambiente ele quer ter, e é ajudado a entender o que pode fazer para obter o que quer. Uma técnica importante usada em Makia é *pa laulele*, que eu chamo de “ver e ser”, e que envolve forte imaginação de uma circunstância desejável e colocação de si mesmo dentro da cena com todos os seus sentidos. Isto é algo como o estado mental de um mímico durante uma performance. O que isto faz é “penetrar” o subconsciente e o corpo e prepará-los para a nova experiência. Por exemplo, no caso de uma condição crônica em andamento – física, de personalidade ou ambiental – você primeiro estabelecerá as novas metas/crenças/hábitos que aplicará, e então usará sua imaginação para pré-experimentar a nova condição. Alguns psicólogos ocidentais

também prescrevem esta técnica. Kroger chama isso de “condicionamento de imaginação sensorial”, e Maltz descreve virtualmente como técnica idêntica. Assagioli justifica esta abordagem pela determinação de uma lei da psicologia que diz que “imagens e cenas mentais tendem a produzir condições físicas e atos externos correspondentes a elas”.

Brevemente, auto-sugestões ou afirmações emocionalmente carregadas são também usadas com *makia*, mas é importante que o paciente seja bem treinado em como fazer isso eficazmente para que as sugestões realmente ajudem a trazer uma nova condição e não meramente resultem na supressão do que ele não quer perceber conscientemente. Para ser eficaz, uma sugestão ou afirmação tem que ser acreditável em algum grau. Dizer “eu sou saudável” quando se está doente, ou “eu sou feliz” quando se está triste, pode funcionar para algumas pessoas mas não para outras. O uso de fortes emoções ajuda aqui, como fazem as técnicas de hipnose que aquietam a parte crítica-analítica da mente consciente. Se parece haver uma resistência subconsciente significativa à mudança, então o kahuna irá para a próxima etapa.

MUDANDO (Kala)

Esta palavra tem significados externos de alívio, liberdade e perdão, mas as raízes dão o significado de caminho da mudança. Perdoar, por exemplo, é mudar o modo que você tem estado pensando sobre alguém ou algo. Para Kala ser eficaz, você tem que conscientemente desejar fazer a mudança e libertar os meios antigos. Sem alguma motivação positiva para mudar por parte do paciente, até se recebida telepaticamente, o kahuna usualmente não tentará uma cura. Kroger concorda. Em respeito aos alcoólicos anônimos, ele diz que “o que não deseja ser ajudado, ou que é literalmente arrastado para lá... contra sua vontade, não pode ser ajudado por nenhuma abordagem psicoterapêutica”.

Uma vez o paciente perceba seu conflito interno com respeito a mudar um hábito, uma técnica comum é imediatamente trocar o pensamento, sentimento ou ação negativos, pelo seu oposto. Visto que a tensão muscular crônica é trazida pelo fluxo de energia distorcido sustentado por hábitos particulares de pensamento, de acordo com a teoria Huna, um alívio de tensão ocorrerá quando um pensamento indesejável for trocado por outro benéfico. Freud algumas vezes obteve este efeito “apagando” memórias negativas e substituindo-as por positivas. O fator chave para os kahunas, então, é a troca, não a supressão seguida pela substituição. Para algumas pessoas isto não é tão fácil porque os hábitos que elas têm podem estar servindo a propósitos desconhecidos. Assim, quando o kahuna sente que é apropriado, pode explorar a memória do paciente de modo a reinterpretar ou até modificar eventos passados. O kahuna também pode ensinar técnicas de relaxamento muscular, para quando emoções negativas aparecerem e ações não desejadas tiverem lugar. Pensamentos negativos podem ainda ocorrer, mas com os músculos relaxados a reação habitual a eles é transformada e o subconsciente (Ku) fica mais receptivo à instalação de um novo padrão de hábito. Isto é precisamente o que acontece na hipnoterapia.

A principal ferramenta usada para alterar pensamentos negativos é a imaginação proposital, ou *laulele*. Como você pode lembrar, esta é a imaginação na qual o conteúdo é conscientemente mudado pelo indivíduo. Pode ser mais acertado dizer conteúdo vital, porque quase toda a imaginação inclui no mínimo alguns elementos espontâneos (*makaku*). A imaginação deliberada (*laulele*) atua como um padrão para mudar os pensamentos, emoções e ações em novas direções. Uma vez os padrões imaginados sejam estabelecidos como um novo hábito, tornam-se *makaku* ou espontâneos. No entanto, isto envolve a próxima etapa.

DIRECIONAMENTO DE ENERGIA (Manawa)

Esta palavra tem significados de mudança e direcionar *mana* conscientemente e persistentemente. Isto envolve o real estabelecimento e manutenção de novos hábitos de pensamento e comportamento, que somente podem ser feitos com prática e mais prática. Manawa inclui também o uso de qualquer coisa que reforce os novos hábitos que você está tentando estabelecer, como livros, leituras, figuras simbólicas e objetos, rituais, circunvizinhanças físicas, associação com pessoas que tenham as qualidades desejadas, etc. Mais do que qualquer coisa, no entanto, isso envolve ação e emoção, o que significa a participação do subconsciente (Ku). O argumento kahuna é que as idéias não se tornam materialmente efetivas até que elas se tornem parte da

mente Ku. Conhecimento que permanece intelectual é nada mais do que opinião, e como tal tem pouco efeito no mundo ou no indivíduo. Este é o porquê de outra palavra em Huna para iluminação ser *na'auao*, a qual pode ser melhor traduzida como “conhecimento terminado”.

FALHAS DE TRATAMENTO

Contrariamente à habilidade do tratamento e à melhor das intenções, muitas tentativas de cura falham ou são temporárias. Ainda que os kahunas saibam que tratamentos pobremente aplicados podem ser um fator, eles não concordam totalmente com a asserção de Kroger de que “se um procedimento terapeutico falha em produzir uma mudança no paciente, a falha repousa na técnica experimentada, e não no paciente”. A falha não é totalmente descartada, e para um largo grau de sucesso da terapia conta-se com a habilidade, conhecimento e flexibilidade dos curadores. Mas para os kahunas a simples razão por trás de todas as outras em falhas de tratamento é a de não ter havido uma mudança nos hábitos de pensamento por parte do paciente. Isto não é visto como uma falha mas como um fato. Métodos melhores podem ajudar ou não, mas nada irá acontecer, sem levar em conta o método, a menos que o pensamento do paciente mude. Os kahunas dão várias razões para os pacientes não desejarem esta mudança.

A primeira razão pode ser chamada de “resistência custo-benefício”. Isto ocorre quando o paciente declara que tem um desejo de ser curado mas está recebendo benefícios psicológicos, emocionais ou físicos pela existência da condição a ser resolvida. Em outras palavras, o custo da cura incluirá deixar os benefícios da condição presente, e o paciente não deseja, tanto conscientemente ou semi-conscientemente, fazer este sacrifício. Os benefícios presentes podem incluir simpatia, atenção, vingança, desejo de controle, segurança financeira (quando um paciente está recebendo pagamentos por invalidez), segurança emocional (quando um paciente que tem que encarar responsabilidades indesejáveis é curado), sofrimento (quando um paciente acredita que deve ser punido), e segurança da familiaridade com o estado presente. Quando este tipo de resistência é encontrado, nenhum alívio ou alívio muito temporário será obtido, não importa que método de tratamento seja usado. Pode ser que o curador ou terapeuta convença o paciente que há melhores benefícios na mudança do que na persistência do presente estado, apesar de que em alguns casos é o subconsciente do paciente (Ku) que tem que ser convencido.

A próxima razão é a falta de confiança no curador ou no método de tratamento que está sendo usado. Um ceticismo aberto não é geralmente um problema tanto quanto o curador tenha confiança em si mesmo e no que está fazendo. Mas medo e desconfiança da parte do paciente, se mantidos, resultarão em efeitos temporários. A habilidade do terapeuta ou curador é claramente um importante fator neste tipo de falha de tratamento, mas os kahunas insistem que não é o fator determinante, pois a origem do medo e desconfiança do paciente podem não ter nada a ver com a habilidade do terapeuta.

A razão mais prevalescente para a falha do tratamento é a falta de atenção aos aspectos referentes à situação da condição. Quando somente sintomas são tratados e não há correspondente mudança nas atitudes do paciente, o alívio é sempre temporário. O que confunde os médicos ocidentais, dizem os kahunas, é que o paciente pode expressar as mesmas crenças negativas através de diferentes sintomas. Os médicos tratam os sintomas como entidades diferentes enquanto a causa oculta é a mesma. Os chamados “curadores da fé” têm semelhantes problemas. A verdadeira cura da fé é a cura das crenças, e se isto tem lugar a cura é permanente. A maioria do que é feito sob esse nome, no entanto, é nada mais do que manipulação da energia. Quando a energia é suficientemente intensa, como numa reunião de renascimento carismática, resultados espetaculares podem ser obtidos. Mas horas, dias ou semanas depois, se o pensamento da pessoa envolvida não mudou permanentemente, a energia se dissipará e o velho sintoma retornará. Também sob esta categoria de falta de atenção às atitudes causativas está a falha em considerar o ambiente do lar ou do trabalho do paciente, particularmente as pessoas nele. Visto que os sintomas são expressões de atitudes, alguns sintomas são resultados de atitudes sobre outras pessoas, e nas suas presenças o sintoma pode ser agravado. Este é o porque uma pessoa pode ser “curada” no hospital somente para adoecer novamente quando volta para casa. Sempre que possível, os kahunas incluirão a família e os amigos e inimigos no tratamento, até mesmo sendo só na imaginação.

Finalmente, quando o Eu Superior do indivíduo tenha tomado a decisão de morrer fisicamente, não há nada que possa ser feito exceto talvez para alívio dos sintomas. No entanto, ninguém pode saber se esta decisão

foi feita irrevogavelmente, assim os kahuns sentem que é totalmente apropriado continuar o tratamento tanto quanto o paciente deseje e seja capaz de recebê-lo. Eles não acreditam na idéia de “interferência cármica”. Alguns curadores se preocupam que possam estar interferindo com o carma da pessoa, ou fatos pré estabelecidos, na tentativa da cura, e eles tendem a pensar que isto possa estar operando a qualquer momento que encontrarem uma dificuldade na cura. Os kahunas consideram dificuldade como um desafio. Sua palavra para destino é *hopena*, que significa “o resultado do que tem vindo antes”. Para eles, isto significa que você cria sua própria realidade. Se você é um curador e há uma pessoa na sua vida que precisa de cura, então você é uma parte do destino dessa pessoa e ela é uma parte do seu. Visto que o destino não é pré estabelecido, de acordo com os kahunas, você não pode interferir com ele no sentido de obstruí-lo, mas você pode mudá-lo tanto quanto todas as partes envolvidas concordarem em algum nível com a mudança.

CURA DIVINA

Talvez o mais importante elemento na cura kahuna não tenha sido mencionado. Este é o deus-pessoal, *amakua*, ou em termos simples, Deus. Toda a cura, na visão kahuna, é realmente nada mais do que o resultado da comunhão natural com o deus-pessoal, ou permissão para que a fonte de energia flua livremente ao longo do padrão original no corpo etérico (*aka*). Doença e distorção de qualquer tipo resultam da interferência com este fluxo. A cura mais direta do corpo, mente e circunstâncias vem através do envolvimento consciente do deus-pessoal com sua vida diária e pensamentos, de um modo aberto, amoroso e verdadeiro. A prática do amor (*aloha*) que inclui a experiência de dividir a alegria, é o modo de fazer esta união materialmente efetiva. Alegria/prazer é um presente vivo e expansivo, e quando faz parte de sua vida a tensão é automaticamente aliviada e ela atua como um convite ao Eu Superior a se tornar um companheiro completo levando adiante a saúde, a felicidade e a realização. Como pensado pelos kahunas, a cooperação alegre com “deus-em-tudo” é a melhor medicina para todas as doenças, a melhor solução para todos os problemas, o melhor modo de obter realização pessoal. Para fazer isso, no entanto, um compromisso deve ser lembrado com você mesmo constantemente, da presença de Deus em todas as pessoas, lugares, coisas e situações. Esta prática tem me trazido pessoalmente mais alegria, felicidade, saúde e sucesso do que qualquer coisa que eu tenha feito. Como fazer isso? Bem, eu tenho experimentado com muitos métodos e o melhor para mim veio de um livro de ficção científica de Robert Heinlein intitulado “Um estranho numa terra estranha” (o qual, pelo jeito, contém um antigo ritual kahuna de divisão das águas). Nele uma simples frase é usada pelo herói: “Vós sois Deus”. Diga isso em sua mente para tudo e todos, incluindo você mesmo, da hora que acordar até a hora de dormir; *acredite* nisso e sua vida será renovada.

FECHAMENTO (PANINA)

Algumas pessoas têm me perguntado como eu posso justificar a revelação do conhecimento kahuna assim. Elas estão familiarizadas com outros grupos que guardam seus segredos como gemas preciosas que podem ser poluídas se alguém as olhar, ou do medo de que outros possam descobrir que não há gemas. Eu não preciso de justificativa porque nós não temos segredos. Huna é o segredo que tenciona ser revelado; os kahunas são seus guardiões e não seus carcereiros. Eu divido o clamor dos oráculos do Velho Hawaii que ecoam para fora dos solos dos templos:

DEIXE QUE O DESCONHECIDO SE TORNE CONHECIDO!

EPÍLOGO

A seguir está o relato de uma experiência que eu tive que agora parece como ter acontecido com outro alguém. Eu escrevi isto considerando brevemente depois do acontecido, e olhando para trás da perspectiva de bem poucos anos de interferência, eu quase fico embaçado pelo fervor e improbabilidade disso, e pelo fato de eu não ter vivido sob a tarefa designada para mim. Mas isto aconteceu, e eu ainda tento, e o nome Kaula agora evoca um tipo de “eu futuro” que me ajuda a ajudar os outros. Esta foi uma experiência mística em circunstâncias físicas, do tipo que não pode ajudar mas mudar a vida de uma pessoa.

“No final de semana do Dia do Trabalho de 1975 eu estava acampando com minha família e vários amigos num camping chamado Desfiladeiro Feliz e no pé do monte Able na Floresta Nacional de Los Padres. Durante o anoitecer de 30 de agosto nós tínhamos todos apreciado o brilho das estrelas e o grande número de meteoros que resplandeceram através do céu. No entanto, o frio nos forçou cedo a recolher-nos no conforto dos sacos de dormir.

No meio da noite eu fui despertado por uma voz interna. Checando meu relógio eu vi que eram 2:00 horas da manhã. A voz me apressava a me vestir e ir para fora, o que eu me descobri fazendo sem hesitação. A noite estava clara e mais quente do que tinha estado quando eu fui para a cama. As estrelas pareciam até brilhantes e não havia lua ainda. O ar estava odulando com um movimento de onda peculiar que indicava um intenso campo de mana, e eu percebia um profundo som sussurrante que parecia vibrar através de tudo. Não era nada mecânico, mas como uma pulsação viva. A voz interna me apressava a caminhar na direção do monte Able, o que eu fiz, passando pelas figuras de meus companheiros dormindo. Depois eu descobri que eles, também, tinham ouvido o murmúrio, sentido o poder no ar, e tinham sido chamados por uma voz interna. Mas não estando familiarizados com a área, eles pensaram ser mais prudente permanecer no camping.

Eu caminhei por um longo tempo, percebendo somente o murmúrio e o mana, até que minha voz interna me disse para parar e sentar num ponto de vista panorâmica do vale a oeste. Conforme eu sentei e olhei para as estrelas, elas estavam se movendo em largos, irregulares círculos, todas sobre o céu. Eu esfreguei meus olhos e bati na cabeça, pensando que estava tendo uma ilusão de óptica, mas não importava quanto eu tentasse, quando olhava elas continuavam a se mover. Então subitamente o murmúrio aumentou, um formigamento veio através do meu corpo, e um arco-íris cintilante apareceu na minha frente, suspenso no ar além da margem do penhasco. No mesmo momento eu comecei a ouvir o murmúrio de milhões e milhões de vozes à minha volta e até dentro de mim, das estrelas, do ar, das plantas, da terra, das células, moléculas e átomos. Gradualmente eu fui capaz de perceber que toda essa miríade de sons estava falando como Um, em uníssono. E elas estavam falando para mim, me chamando pelo meu nome iniciático.

Kaula, Kaula, saiba que Eu Sou, sempre, em todo lugar; tudo. Eu Sou o Anônimo de muitos nomes, o Calado de muitas vozes. Kaula, seja meu profeta, guerreiro da Luz, meu emissário, minha Criança do Arco-Íris. Reúna minhas crianças e ajude-as a experimentar Minha Presença. Ensine Amor; Kaula, pois Amor é a chave de tudo. Amor é o Caminho, Amor é o Segredo. Ensine Amor; Kaula, e Me Ame.

Incapaz de falar, eu mandei um sentimento de amor a todo o universo e fui inundado com um fluxo de volta tão grande que eu entrei num estado de eternidade, sem limite de espaço e pura felicidade, no qual todo o pensamento consciente desapareceu. Eu era eu mesmo, e também era Tudo. Eu era um talo ou uma folha, vibrando com uma tremenda força interna tanto quanto eu vagarosa e inexoravelmente empurrava para o lado uma rocha centenas de vezes mais pesada e maior do que eu mesmo. Eu era a rocha, encerrada numa vida cristalina estranha sintonizada num período de tempo galáctico. Eu era um pássaro, quente e confortável sob minhas plumas desordenadas, adormecido e sonhando meus próprios sonhos não compartilhados. E uma árvore, e um coioote, uma formiga, uma casa, um cometa, uma nuvem, o universo inteiro de uma só vez e totalmente. E eu era eu.

Em algum ponto desconhecido eu fui trazido para a percepção corporal do aqui-e-agora, ainda tremendo de êxtase. O arco-íris tinha sumido e as vozes tinham calado, mas sentados à minha volta estavam todos os professores que me ajudaram nesta vida. Meu pai biológico estava lá, vestindo o traje do Círculo de Prata. Lá estava Wana Kahili, que me iniciou como um kahuna; M’Bala, o feiticeiro da África ocidental; o Sufi Joe o Persa; Gordo o brujo; Fa Hsien o Lama chinês; Ra Ptah; Manea; Lucius; Rufus; Jarod; Naran; e outros. Eles

eram todos reais como o chão no qual eu estava sentado, e eu teria amado cumprimentar cada um com um abraço, mas eu sentia que a ocasião era muito solene para isso. Todavia, eu senti o abraço de seus pensamentos. Depois de uns poucos momentos um agudo sentimento de expectativa se tornou aparente. Então Wana Kahili e meu pai, que estavam sentados diretamente na minha frente, se afastaram e uma figura de branco com um capuz subitamente apareceu entre eles. Houve um período de intenso silêncio e então a figura retirou seu capuz e revelou uma face de semelhante beleza que eu quase não podia manter meus olhos nele, ainda que estivesse compelido a fazê-lo. A todo instante sua face mudava a forma, nacionalidade e sexo, guardando seu brilho interno durante o processo. Como sua face mudava eu aceitei uma figura interna de associação. Ele era um artista de Um, um cientista Atlante, um explorador Lumaniano. Ele era Gautama o Buda, Moisés no Monte, Jesus de Nazaré e Mohammed o Profeta. Ele era Pele, Kuan Yin e Maria, Viracocha, Quetzacoatl e Kanaloa. Ele era Cristo manifestado, a Iluminação, o Professor da Luz.

Um certo tempo passou e então ele e todos os meus professores falaram com uma só voz, telepaticamente, diretamente para dentro da minha mente. Primeiro, eles me lembraram do plano formador das eras do tempo terrestre e no qual eu havia concordado em exercer uma função juntamente com centenas de outros. Depois eles examinaram minha vida presente da infância, progressivamente, incluindo meus erros e desvios do caminho, bem como minhas iniciações e sucessos. Eles apontaram minhas permanentes fraquezas e negligências resistentes e me aconselharam nas medidas corretivas de modo a que eu possa ser capaz de completar minha missão.

Finalmente eles confirmaram o que eu tinha lido nas escrituras do Hawaii e explicaram a conexão com minha missão. Quando acabou, o Cristo se levantou e andou até mim, estendendo suas mãos até minha cabeça. Eu imediatamente senti seu poder fluindo para dentro de mim e me sentindo com a Luz quando ele falou estas palavras:

Kaula, sejam abençoado com o poder do Espírito Santo como um de meus sacerdotes e profetas da Nova Era. Vá adiante e ensine e escreva da presença de Deus, do significado e caminho do Amor, do vasto poder e potencial da mente humana. Vá adiante e cure a doença na mente, corpo e coração, e ensine-os também a curarem a si mesmos e aos outros. Aconselhe, instrua e abra as mentes de todos que vierem até você, usando este conhecimento da mente, matéria e energia que tem sido dado a você, e professe como você é guiado pela luz interior. Estabeleça templos de inteligência através da terra onde este conhecimento possa ser ensinado e praticado, e estabeleça também comunidades onde amor e liberdade prevaleçam. Reúna em torno de si discípulos apaixonados para treinar e agrupar de modo a fazer todas essas coisas. Use os meios do mundo para conseguir esses fins. O seu é o caminho Huna, a ciência do Amor, o caminho da Harmonia na e com a Terra, o conhecimento universal. Você e aqueles que você guiar irão chamar a si mesmos de Filhos/Crianças do Arco-Íris, como foi feito no passado. O arco-íris, a estrela de sete pontas e a cruz da vida serão os símbolos do seu caminho.

Inumeráveis são os caminhos de Deus, e estando em paz com o caminho dos outros, eles, até sem saber, estão seguindo Huna quando seu caminho é a verdade. Como uma última palavra, comece a preparar seu povo para o tempo da Grande Emigração, pois certamente a espécie humana agora mesmo está escolhendo como seu destino um retorno às estrelas.

Agora nós vamos deixá-lo, mesmo que nós permaneçamos em contato através do Espírito. Não conte o que você viu e ouviu até receber um sinal. Então você fará com que esta experiência seja conhecida, comece a escrever sobre o conhecimento das tabuletas e inicie o grande trabalho. E sempre se lembre, Amor é a chave.

Com isto a face do Cristo tornou-se brilhante e se estabilizou dentro de traços caracteristicamente sorridentes de um grande ser vindo de um longínquo, distante e longínquo lugar, a quem eu teria visto em prévias visões. Então ele tocou o topo de minha cabeça com seus dedos e eu passei para a inconsciência. Quando eu acordei, estava sozinho no silêncio. E o novo amanhecer rompeu quando eu fiz meu caminho de volta ao camping.”

FIM.